

Ministério

JAN-FEV · 2021

Uma revista para pastores e líderes de igreja



Exemplar avulso: R\$ 17,13



CRESCIMENTO CONTÍNUO

O caminho para aperfeiçoar suas
competências ministeriais



Princípios cristãos para o desenvolvimento pessoal + Como estabelecer relacionamentos saudáveis

Qualidades do líder de igreja + Segredos da boa gestão eclesial + Motivação missionária para o ministério

MEDITAÇÕES 2021

MKT CPB | AdobeStock

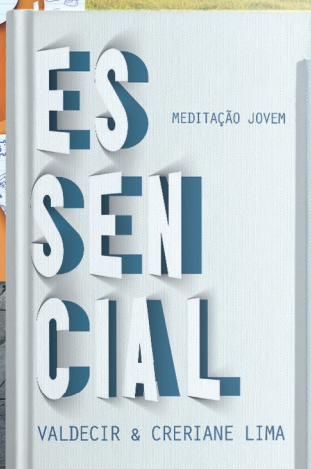
#PraTodaVida



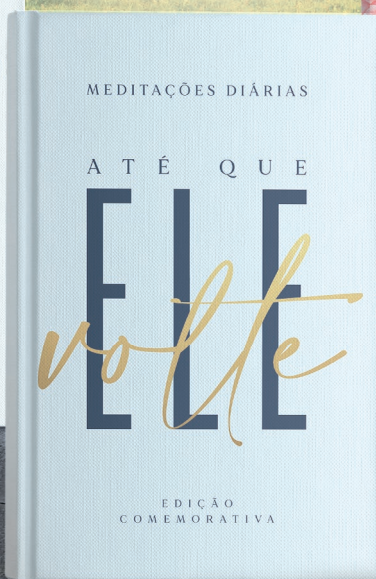
MEDITAÇÕES DIÁRIAS
EDIÇÃO COMEMORATIVA DE 120 ANOS DA
CASA PUBLICADORA BRASILEIRA



Devocional Teen
NOVAMENTE



Meditação Jovem
ESSENCIAL



Um livro histórico com textos
selecionados desde a primeira
publicação das Meditações Diárias
em 1953.



Meditação da Mulher
SUBLIME BELEZA



Devocional das Crianças
CONVERSINHAS COM DEUS



cpb.com.br | 0800-9790606 | CPB livraria | WhatsApp 15 98100-5073
Pessoa jurídica/distribuidor 15 3205-8910 | atendimento@cpb.com.br



Baixe o
aplicativo
CPB





5 Editorial

7 Entrelinhas

8 Entrevista

26 Ponto a ponto

32 Dicas de leitura

35 Palavra final

10 No caminho do crescimento

Adolfo Suárez

Orientações bíblicas para experimentar o desenvolvimento pessoal

14 A arte da convivência

Cristhian Alvarez Zaldúa

Princípios cristãos para estabelecer relacionamentos saudáveis

18 Gestor excelente

Ivanaudo B. Oliveira

Dicas para ser bem-sucedido na administração eclesial

21 Retrato do pastor

Emilson dos Reis

Qualidades bíblicas do líder de igreja

24 Paixão pela missão

Agenilton Corrêa

Fundamentos da motivação missionária para o ministério

28 Encontro com o Senhor

Jiří Moskala

Em busca de uma teologia da face de Deus

Ministério

Uma publicação da Igreja Adventista do Sétimo Dia

Ano 93 – Número 553 – Jan/Fev 2021
Periódico Bimestral – ISSN 2236-7071

Editor Wellington Barbosa
Editor Associado Márcio Nastrini
Revisoras Josiéli Nóbrega; Rose Santos

Projeto Gráfico Levi Gruber
Capa Jirsak / Adobe Stock

Ministério na Internet
www.revistaministerio.com.br
www.facebook.com/revistaministerio
Twitter: @MinisterioBRA
Redação: ministerio@cpb.com.br

Conselho Editorial

Lucas Alves; Daniel Montalvan; Adolfo Suarez; Marcos Blanco; Walter Steger; Pavel Goia; Jeffrey Brown; Abdoval Cavalcanti; Abimael Obando; Adrián Bentacor; Alberto Peña; Antonio Funes; Carlos Sánchez; Davi França; Edilson Valiante; Edmundo Cevallos; Elieser Ramos; Evaldino Ramos; Eron Donato; Geraldo M. Tostes; Levino Oliveira; Raildes Nascimento; Rubén Montero

CASA PUBLICADORA BRASILEIRA



Editora da Igreja Adventista do Sétimo Dia
Rodovia SP 127 – km 106
Caixa Postal 34 – 18270-970 – Tatuí, SP

Diretor-Geral José Carlos de Lima
Diretor Financeiro Uilson Garcia
Redator-Chefe Marcos De Benedicto
Chefe de Arte Marcelo de Souza

SERVIÇO DE ATENDIMENTO AO CLIENTE

Ligue Grátis: 0800 979 06 06
Segunda a quinta, das 8h às 20h
Sexta, das 7h30 às 15h45
Domingo, das 8h30 às 14h
WhatsApp: (15) 98100-5073
Site: www.cpb.com.br
E-mail: sac@cpb.com.br

Assinatura: R\$ 83,30
Exemplar Avulso: R\$ 17,13



ABE
ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE EDITORAÇÃO

Todos os direitos reservados. Proibida a reprodução total ou parcial, por quaisquer meios, sejam impressos, eletrônicos, fotográficos ou sonoros, entre outros, *sem prévia autorização por escrito* da editora.

Contribua para a **Ministério**

A revista *Ministério* é um periódico internacional editado e publicado bimestralmente pela Casa Publicadora Brasileira, sob supervisão da Associação Ministerial da Divisão Sul-Americana da Igreja Adventista do Sétimo Dia. A publicação é dirigida a pastores e líderes cristãos.



Orientações aos escritores

Procuramos contribuições que representem a diversidade ministerial da América do Sul. Diante da variedade de nosso público, utilize palavras, ilustrações e conceitos que possam ser compreendidos de maneira ampla.

A *Ministério* é uma revista *peer-review*. Isso significa que os manuscritos, além de serem avaliados pelos editores, poderão ser encaminhados a outros especialistas sobre o tema que seu artigo aborda.

Áreas de interesse

- Crescimento espiritual do ministro.
- Necessidades pessoais do ministro.
- Ministério em equipe (pastor-esposa) e relacionamentos.
- Necessidades da família pastoral.
- Habilidades e necessidades pastorais, como administração do tempo, pregação, evangelismo, crescimento de igreja, treinamento de voluntários, aconselhamento, resolução de conflitos,

- educação contínua, administração da igreja, cuidado dos membros e assuntos relacionados.
- Estudos teológicos que exploram temas sob uma perspectiva bíblica, histórica ou sistemática.
- Liturgia e temas relacionados, como música, liderança do culto e planejamento.
- Assuntos atuais relevantes para a igreja.



Tamanho

- Seções de uma página: até 4 mil caracteres com espaço.
- Artigos de duas páginas: até 7,5 mil caracteres com espaço.
- Artigos de três páginas: até 11,5 mil caracteres com espaço.
- Artigos solicitados pela revista poderão ter mais páginas, de acordo com a orientação dos editores.

Estilo e apresentação

- Certifique-se de que seu artigo se concentra no assunto. Escreva de maneira que o texto possa ser facilmente lido e entendido, à medida que avança para a conclusão.
- Identifique a versão da Bíblia que você usa e inclua essa informação no texto. De forma geral, recomendamos a versão Almeida Revista e Atualizada, 2ª edição.
- Ao fazer citações bibliográficas, insira notas de fim de texto (não notas de rodapé) com referência completa.
- Use algarismos arábicos (1, 2, 3).
- Utilize a fonte Arial, tamanho 12, espaço 1,5, justificado.
- Informe no cabeçalho: Área do conhecimento teológico (Teologia, Ética, Exegese, etc.), título do artigo, nome completo, graduação e atividade atual.
- Envie seu texto para: ministerio@cpb.com.br. Não se esqueça de mandar uma foto de perfil em alta resolução para identificação na matéria.



MINISTÉRIO APROVADO

Quando Paulo escreveu as cartas a Timóteo e Tito, provavelmente não tivesse ideia de que estava produzindo o primeiro manual para líderes eclesiais da história do cristianismo. Em linguagem simples, o apóstolo se dedicou a aconselhar seus associados quanto a melhor maneira de lidar com situações presentes nas comunidades cristãs da cidade de Éfeso e da ilha de Creta.

No auge de sua experiência e próximo do fim de sua vida, ele apresentou nas epístolas pastorais as principais dimensões da atividade ministerial, esperando que seus leitores pudessem exercer suas atividades com a excelência que o ofício requer. Assim, apontou quatro aspectos fundamentais.

Em primeiro lugar, o apóstolo demonstrou sua preocupação quanto à condução das igrejas. Por isso, compartilhou instruções referentes à liturgia (1Tm 2), liderança (1Tm 3:1-13; Tt 1:5-9), organização (1Tm 5:3-25) e confrontação de falsos mestres e suas heresias (1Tm 4; Tt 1:10-16). Para ele, era necessário que as coisas estivessem em ordem (Tt 1:5), de modo que cada congregação fosse reconhecida pela reverência de seu culto, consistência de seus líderes, adequação de sua estrutura e solidez de sua doutrina.

Além disso, Paulo chamou atenção para o desenvolvimento pessoal dos ministros cristãos. Isso envolve aspectos ligados a seu caráter (1Tm 3:1-13; 2Tm 2:14-26); sua espiritualidade (1Tm 4:13-16, 2Tm 1:6, 7) e fidelidade (2Tm 4:1-4). Sob a ótica paulina, um pastor deveria ter uma vida imersa na Palavra, de tal maneira que sua conduta, família, atividade e instrução fossem reflexos inequívocos disso. Nesse sentido, o ministério está longe de ser um ofício performático, mas é absolutamente dependente da real presença do Espírito como agente ativo de santificação pessoal e capacitação ministerial.


As cartas pastorais também trazem uma série de conselhos a respeito das relações interpessoais. A conduta adequada quanto a homens e mulheres, jovens e idosos tem seu lugar na correspondência entre Paulo e seus associados (1Tm 5:1, 2; Tt 2:1-10).

O ministério está longe de ser um ofício performático, mas é absolutamente dependente da real presença do Espírito como agente ativo de santificação pessoal e capacitação ministerial.

A recomendação apostólica era de que eles tivessem interações marcadas pela educação, discrição, honestidade, pureza e dignidade. Aos coríntios, ele comparou o trabalho dos líderes cristãos ao papel de embaixadores do reino (2Co 2:50). Portanto, um pastor deve refletir a nobreza de seu chamado por meio de uma conduta ilibada e agregadora diante das pessoas com quem convive.

Antes de concluir sua última carta, ao que tudo indica, Paulo fez um apelo fervoroso a Timóteo a fim de que não se esquecesse do principal: "Pregue a palavra, insista, quer seja oportuno, quer não, corrija, repreenda, exorte com toda a paciência e doutrina. [...] Seja sóbrio em todas as coisas, suporte as aflições, faça o trabalho de um evangelista, cumpra plenamente o seu ministério" (2Tm 4:1, 2, 5). Assim, o cumprimento pleno do ministério nunca será alcançado, a menos que o pastor seja dedicado à proclamação do evangelho, até que todos ouçam, e então venha o fim.

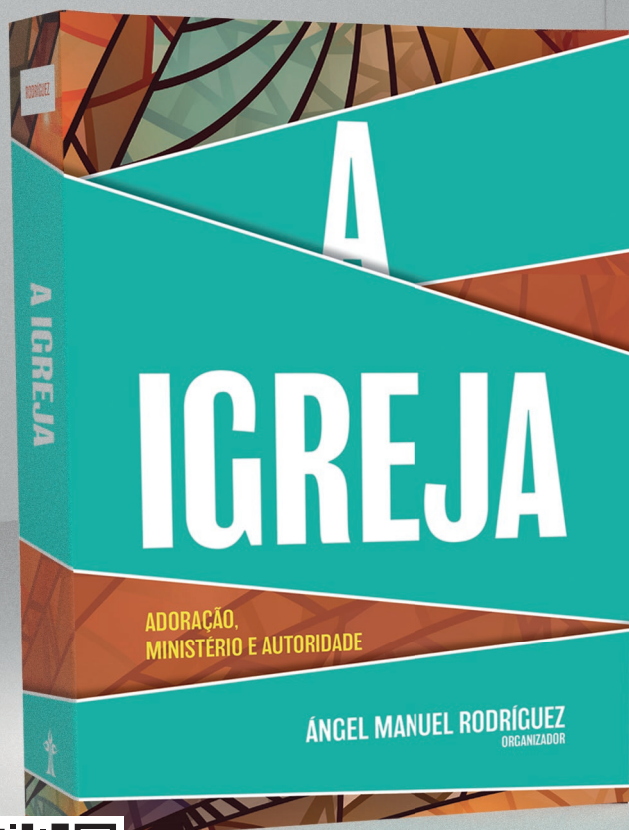
Embora quase 2 mil anos nos separem da composição das cartas pastorais, é possível observar quão atuais continuam sendo seus ensinamentos. Os lugares mudaram, a sociedade se transformou, o conhecimento se multiplicou e outros desafios surgiram. Ainda assim, em linguagem atual e com estratégias contemporâneas, se formos fiéis ao colocar em prática esses princípios, teremos condições de aperfeiçoar nossa atividade e receber a aprovação de Deus.

Despedida: Nesta edição nos despedimos do pastor Márcio Nestrini, que passa a desfrutar de sua merecida jubilação. Que o Senhor o abençoe grandemente nesta nova fase da vida, amigo! 



WELLINGTON BARBOSA
editor da revista
Ministério

RESPOSTAS PROFUNDAS PARA ASSUNTOS COMPLEXOS



MKT CPB | AdobeStock

cpb.com.br | 0800-9790606 | CPB livraria | WhatsApp 15 98100-5073
Pessoa jurídica/distribuidor 15 3205-8910 | atendimento@cpb.com.br



Baixe o
aplicativo
CPB



A MARCA DE CRISTO

O apóstolo Paulo foi um grande exemplo de alguém que foi capacitado por Deus, mediante o Espírito Santo, para servir à igreja com competência. Saulo, seu nome judaico, significa “emprestado a Deus”, ou “aquele que foi insistentemente desejado, pedido”. Após a conversão, tornou-se Paulo, nome romano que significa “pequeno”. A dupla cidadania permitiu que ele se colocasse a serviço do evangelho, tornando-se o apóstolo dos gentios.

Educado em Jerusalém por Gamaliel, um eminente rabino do primeiro século, Paulo falava hebraico, aramaico, grego e latim. Foi um grande orador, escritor, teólogo e evangelista. Autor de 14 dos 27 livros do Novo Testamento, também estabeleceu dezenas de igrejas, formou discípulos, pastores e líderes. É impossível falar do cristianismo sem mencioná-lo em algum momento.

Em sua jornada apostólica, foi preso em Filipos, expulso de Bereia, zombado em Atenas, considerado louco em Corinto, apedrejado na Galácia e, ainda assim, queria pregar em Roma. Em seu corpo, havia a *stigmata* de Cristo. Antigamente, *stigmata* era a marca perene que o dono de um rebanho gravava com ferro quente em seus animais, indicando sua propriedade. Assim, Paulo carregava em si a marca de que pertencia a Jesus. Cristo era sua vida, e sua vida era de Cristo. Seu ministério, exercido com excelência, era propriedade do Senhor, não lhe pertencia.

O que a igreja ganharia atualmente com pastores marcados como Paulo?

Maior crescimento espiritual. Pastores e ovelhas cresceriam juntos, aprofundando a comunhão com Deus. Por meio da Palavra, edificados sobre Cristo, os profetas e os apóstolos, a experiência espiritual seria caracterizada pelo relacionamento pessoal com o Autor das Escrituras. Assim, não haveria espaço para discussões infrutíferas e dissensões que tanto ferem a comunidade de fé. Salvos pela graça de Cristo, a igreja estaria pronta para viver em harmonia com Sua vontade.

Fortalecimento dos relacionamentos. O poeta inglês John Donne escreveu: “Nenhum homem é

O cristão não tem desejo de viver para si mesmo. Deleita-se em consagrar ao serviço do Mestre tudo que tem e é.

uma ilha, isolado em si mesmo; todos são parte do continente, uma parte de um todo.” Em sentido espiritual, todos somos membros do corpo de Cristo. Assim, o discipulado deve ser, em primeiro lugar, uma experiência de relacionamento profundo com o Senhor e Sua doutrina, para então se expressar em relacionamentos fraternais entre os membros da igreja e a comunidade.

Administração fiel. Não apenas de uma organização, mas da mensagem de salvação. O pão vivo vem do Céu. É nosso privilégio e responsabilidade comer desse pão e compartilhá-lo com fidelidade. Portanto, a gestão de processos e recursos depende do propósito divino estabelecido para Sua igreja.

Liderança discipuladora. Que acompanha, integra e capacita permanentemente. Atitudes e habilidades são essenciais para formar uma liderança discipuladora. É necessário que o líder viva a mensagem que compartilha se quiser motivar e preparar outros a vivê-la também e cumprir a missão.

Senso de urgência. Prisioneiro em Roma, sentindo que sua morte se aproximava, Paulo fez um apelo para que Timóteo pregasse a Palavra, a tempo e fora de tempo. Ele estava certo de que todos aqueles que amam a vinda de Jesus, são discípulos e discipuladores, receberão das mãos do Senhor a coroa da justiça (2Tm 4:8).

“A mesma intensidade de desejo de salvar pecadores que assinalava a vida do Salvador assinala a vida de Seu verdadeiro discípulo. O cristão não tem desejo de viver para si mesmo. Deleita-se em consagrar ao serviço do Mestre tudo que tem e é. Ele é movido por um inexprimível desejo de ganhar pessoas para Cristo” (Ellen G. White, *Maranata, O Senhor Vem!*, 2 de abril).

Assim, como o apóstolo Paulo, honremos sempre a *stigmata* de Cristo em nós! **TM**



BRUNO RASO
vice-presidente da
Divisão Sul-Americana

CRESCIMENTO INTEGRAL

por Wellington Barbosa



O ministério está inserido em um mundo cada vez mais complexo e desafiador. Pregar o evangelho e contribuir para o crescimento espiritual dos membros do corpo de Cristo são objetivos que demandam pastores espirituais, hábeis em lidar com as pessoas, capazes ao administrar a igreja, eficientes ao liderar e focados na missão. Tendo isso em mente, a liderança da Divisão Sul-Americana definiu como um de seus propósitos para o próximo quinquênio fortalecer o senso da vocação pastoral por meio das chamadas competências ministeriais.

Nesta entrevista, o pastor **Lucas Alves**, secretário ministerial para a Igreja Adventista na América do Sul, apresenta algumas informações sobre essas competências e também o que se espera com elas. Natural de Picos, PI, Lucas Alves é pastor há 20 anos e já serviu em diferentes funções. Foi evangelista, capelão escolar, pastor distrital, departamental, presidente de Associação, administrador de União e, desde 2015, trabalha na sede sul-americana dos adventistas. Casado com Nerysângela, eles são pais das adolescentes Ângela e Sophia.

Quanto mais investimos no pastor mais estaremos contribuindo para o desenvolvimento dele e, como consequência, da igreja.

O que são as competências ministeriais?

As competências ministeriais são características pastorais que em seu conjunto procuram reafirmar o perfil do pastor e, desse modo, estabelecer meios que contribuam para seu crescimento integral. Assim, o foco está em uma visão mais equilibrada e dirigida ao pastor em suas diferentes áreas de atuação.

Acredito que quanto mais investimos no pastor mais estaremos contribuindo para o desenvolvimento dele e, como consequência, da igreja. E isso é essencial.

Como foi o processo de elaboração das competências?

Em primeiro lugar conversamos com a liderança da Divisão Sul-Americana sobre a necessidade de um plano de trabalho que alcançasse o pastor, independentemente de sua área de atuação. Nesses diálogos, chegamos à conclusão de que ouvi-los seria parte essencial do processo. Por isso, convidamos alguns pastores distritais de diferentes regiões da América do Sul para participar da elaboração das competências.

Depois, convidamos administradores, professores de Teologia e pastores da área da educação e seguimos o mesmo procedimento, a fim de contextualizar os indicadores das competências de acordo com sua área de atuação. Finalmente, submetemos as competências a membros, líderes e aos próprios pastores para que fizessem observações. Foi um longo processo de elaboração, que durou quase dois anos, mas posso garantir que foi muito participativo.

Quais atividades ministeriais serão acompanhadas com base nas competências?

Antes de olhar para aquilo que o pastor irá fazer, nosso propósito inicial está voltado para quem ele é. Por isso, começamos com seu crescimento pessoal; diria que esse é o ponto crucial. Logo depois, seu relacionamento interpessoal, empenho na administração eclesial, sua liderança cristã alicerçada em fortes princípios bíblicos e paixão em pregar o evangelho, ou seja, seu foco na missão.

Como ocorrerá o processo de avaliação pastoral?

Antes de mais nada, é importante ressaltar que a avaliação é uma parte importante do processo, mas não é o todo. É preciso enxergar como um movimento crescente que envolve orientação, acompanhamento e avaliação. Em nenhum momento podemos perder isso de vista. A avaliação tem como base os indicadores de cada competência. Por exemplo, em crescimento pessoal, os indicadores são: comunhão pessoal, formação ministerial, família, finanças e saúde. Assim, cada uma das competências tem seus indicadores pertinentes.

Além disso, quero destacar que presidentes de Campo, departamentais, tesoureiros, secretários, pastores distritais e de instituições e professores de Bíblia e Teologia serão avaliados com base nas competências. Também é preciso dizer que esse processo não ocorrerá sem capacitação e autoavaliação, pois é necessário nos familiarizar e tirar todas as dúvidas para só então colocá-lo em prática. Finalmente, a avaliação será feita por pessoas de diferentes áreas, o que nos aproxima de uma proposta de avaliação em 360°, algo muito interessante para ajudar os avaliados. A ideia é que ela ocorra anualmente ou bianualmente, conforme for escolhido pelas Uniões. Logo após a avaliação, o avaliador responsável deverá criar um plano de ação com base no resultado, a fim de ajudar o avaliado a crescer em todas as áreas do ministério.


Ao estruturar esse processo, vocês identificaram alguma ameaça à sua execução?

Sim, as ameaças sempre existem, e posso dizer quais são as principais: falta de acompanhamento pastoral franco e honesto, ênfase exagerada na avaliação, ausência de um plano de desenvolvimento pastoral,

Todo membro do corpo de Cristo tem que fazer sua parte na causa de Deus segundo a capacidade que Ele lhe deu. Temos que conjugar esforços contra as dificuldades e obstáculos, ombro a ombro, e unidos pelo coração.

exclusão do discipulado no contexto ministerial, foco em programas e projetos e não em pessoas, limitação da visão das competências à Associação Ministerial e falta de confiança. Acredito que tudo isso é superável quando entendemos que somos parte do corpo de Cristo e devemos fazer tudo o que estiver ao nosso alcance para nosso crescimento e o desenvolvimento daqueles que nos cercam. Ellen White afirmou que “o segredo de nosso êxito na obra de Deus se encontrará na operação harmoniosa de nosso povo. [...] Todo membro do corpo de Cristo tem que fazer sua parte na causa de Deus segundo a capacidade que Ele lhe deu. Temos que conjugar esforços contra as dificuldades e obstáculos, ombro a ombro, e unidos pelo coração” (*Serviço Cristão*, p. 75).

O que se espera com a implementação das competências ministeriais na América do Sul?

Nosso sonho é que cada pastor sul-americano viva o ministério em sua plenitude, mantenha o brilho nos olhos ao longo dos anos, seja incansável em levar pessoas a Cristo, nunca pare de crescer, sinta-se inspirado em suas horas de comunhão e se prepare para o encontro com o Senhor ao lado de sua família e igreja. Nestes dias, conforme disse John Piper, precisamos de “pastores saturados de textos bíblicos, centrados em Deus, que exaltem a Cristo, que se autossacrificam, mobilizadores de missões, ganhadores de alma e confrontadores da cultura” (*Irmãos, Nós Não Somos Profissionais*, p. 10). Para que isso ocorra, devemos crescer “em tudo Naquele que é a cabeça, Cristo” (Ef 4:15). 

NO CAMINHO DO CRESCIMENTO

Orientações bíblicas para experimentar o desenvolvimento pessoal

Adolfo Suárez



Ao narrar a história de Jesus em seu evangelho, Lucas faz uma afirmação importante relacionada ao crescimento do Senhor: “O menino crescia e Se fortalecia, enchendo-Se de sabedoria; e a graça de Deus estava sobre Ele” (Lc 2:40). Essa declaração indica que Cristo “se desenvolvia na área física, mental, moral e espiritual. Assim, nessa descrição, Lucas apresenta Jesus a seus leitores como o Filho do Homem, um ser humano perfeito”¹. É notável observar que “a história do Menino Jesus aos doze anos representa todo o Seu desenvolvimento. A criança Jesus cresceu, não como um menino-prodígio, mas como um ser humano igual a nós, exceto no que se refere ao pecado”².

Na sequência, o evangelista volta a apontar o processo do crescimento de Cristo: “E Jesus crescia em sabedoria, estatura e graça, diante de Deus e dos homens” (Lc 2:52). Note que o Salvador Se desenvolvia de maneira plena.³ Primeiramente, Ele crescia em “sabedoria”. O termo *sofia* se refere a uma “inteligência ampla e completa”, “conhecimento sobre diversos assuntos”⁴. Podemos entender que Seu modo de agir, Seu procedimento e Sua fala expressavam sabedoria, isto é, eram bem refletidos, adequados e corretos. Ele sabia os limites em cada situação, quando falar ou silenciar, quando e como ajudar e ainda como posicionar-Se em diversas circunstâncias, respeitando todas as pessoas.

Em segundo lugar, Jesus crescia em “estatura e graça”. O vocábulo grego *heliakia* significa tanto idade quanto estatura corporal.⁵ Ou seja, Ele passou por todas as faixas etárias, de tal maneira que desfrutou da vida terrena com suas oportunidades e desafios.

Finalmente, Jesus crescia em graça, diante de Deus e das pessoas. Isso nos leva a pensar que Ele cresceu com a aprovação divina, ao mesmo tempo que – com Sua postura amável, bondosa e simpática – conquistava o coração das pessoas, as quais O tratavam com afeto. Dessa maneira, Ele experimentou “de forma crescente

a bondade de Seu Pai e também a amizade das pessoas que O rodeavam”⁶.

Crescimento com qualidade

A semelhança com Cristo é o traço característico mais esperado em um discípulo. Paulo escreveu aos romanos: “Pois aqueles que Deus de antemão conheceu Ele também destinou para serem conformes à imagem de Seu Filho, a fim de que Ele seja o primogênito entre muitos irmãos” (Rm 8:29). Nesse verso, o apóstolo afirmou que o propósito eterno de Deus para nós – estabelecido no *passado* – é que sejamos semelhantes a Cristo. Em 2 Coríntios 3:18, ele acrescentou a dimensão *presente* a esse tema: “E todos nós, com o rosto descoberto, contemplando a glória do Senhor, somos transformados, de glória em glória, na Sua própria imagem, como pelo Senhor, que é o Espírito.” João, por sua vez, estabeleceu a dimensão *futura* ao tema: “Amados, agora somos filhos de Deus, mas ainda não se manifestou o que haveremos de ser. Sabemos que, quando Ele Se manifestar, seremos semelhantes a Ele, porque haveremos de vê-Lo como Ele é” (1Jo 3:2).

Essas três dimensões enfatizam o desafio de sermos semelhantes a Cristo; esse é o propósito *eterno, presente e escatológico* de Deus. Tudo o que o discípulo pensa e faz deve ser com o objetivo de alcançar o mais alto padrão no que diz respeito ao caráter. Cristo é nosso padrão, nossa referência, nosso modelo, e isso torna o discípulo plenamente diferenciado de um mero seguidor. Podemos chamar isso de “crescimento com qualidade”.

Se o discípulo é semelhante a Cristo, uma característica marcante de seu crescimento qualitativo é seu inconformismo em relação às coisas erradas que há no mundo, pois ser semelhante ao Senhor implica não se conformar com nenhum tipo de postura ou comportamento que destoe daquilo que Ele faria em nosso lugar. De fato, Deus convoca Seu povo para “ser diferente de todos”;⁷ “portanto, sejam santos, porque Eu sou santo” (Lv 11:45). No Novo Testamento,

Paulo desafiou os cristãos a não se conformarem com este século, mas se transformarem pela renovação da mente (Rm 12:2).

O inconformismo do discípulo é uma demonstração de sua maturidade. Ele não aceita uma vida superficial; quer, sim, uma vida enraizada em Jesus e em Sua Palavra. Como declarou o apóstolo Paulo, precisamos nos apresentar perfeitos em Cristo (Cl 1:28, 29). O adjetivo grego *teleios*, traduzido como “perfeito”, significa “completo”, “maduro”;⁸ compreendendo que maturidade é aquilo que distingue o adulto da criança.⁹ Ser maduro implica, então, um relacionamento sólido e pessoal com o Senhor, que nos leva a amá-Lo e a obedecer à Sua Palavra. Discípulos maduros têm plenas condições de testemunhar eficientemente do amor divino, proclamando ao mundo Sua graça transformadora.

Crescimento equilibrado

Outra característica fundamental do crescimento é o equilíbrio. Em sua primeira carta, Pedro usou seis metáforas que ilustram muito bem como o cristão deve conduzir-se de modo equilibrado. As metáforas usadas são: bebês, pedras, sacerdotes, povo de Deus, estrangeiros e servos (1Pe 2:1-17). Elas formam três pares: (1) bebês e pedras, (2) sacerdotes e povo de Deus, e (3) estrangeiros e servos.

Esses três pares de metáforas nos mostram que:

- Como crianças recém-nascidas, somos chamados a crescer individualmente; mas como pedras vivas somos chamados à comunhão; as pedras “abrem mão” de sua individualidade a fim de fazerem parte do prédio.
- Como sacerdotes somos chamados a adorar, mas como povo de Deus somos chamados a trabalhar.
- Como estrangeiros somos conscientizados de nossa peregrinação neste mundo, mas como servos somos lembrados de nossos deveres como cidadãos.

Dessa maneira, “somos tanto discípulos individuais quanto membros da

Nosso crescimento pessoal se fundamenta no exemplo de Jesus e tem ao menos três características: qualidade, equilíbrio e dependência.

igreja, tanto adoradores quanto testemunhas, tanto peregrinos quanto cidadãos”.¹⁰ Assim, precisamos viver as expectativas que Deus tem a nosso respeito de modo equilibrado.

Crescimento dependente

Finalmente, precisamos crescer de modo dependente, não apenas de Cristo, mas das pessoas. Paulo recomendou: “Levem as cargas uns dos outros” (Gl 6:2). Constantemente aprendemos e ouvimos que nossa sociedade e a igreja necessitam de pessoas que sejam competentes naquilo que fazem; isso é verdade, mas não é suficiente. A igreja também necessita de pessoas que valorizem seus relacionamentos, que aprendam a trabalhar em equipe; enfim, que dependam umas das outras.

Certa vez perguntaram ao empreendedor norte-americano John Rockefeller qual era a qualidade que mais apreciava encontrar nos líderes de seu complexo de empresas. Sua resposta permanece viva até hoje: “Pagarei mais pela habilidade do relacionamento com pessoas do que por qualquer outra habilidade que possa haver debaixo do sol”.¹¹

O propósito do crescimento

Nosso crescimento pessoal se fundamenta no exemplo de Jesus e tem ao menos três características: qualidade, pois nos torna discípulos de Cristo, e não meros seguidores; equilíbrio, pois favorece a

individualidade e a comunidade, a adoração e o testemunho, o peregrinar e o ser cidadão; e dependência, pois contamos com o apoio de Cristo e das pessoas.

Ao somar os benefícios desses três aspectos, concluímos que sua utilidade é inegável: tornamo-nos melhor preparados, com maior entendimento para viver a vida que Deus espera que vivamos. Entretanto, uma pergunta precisa ser respondida: Qual é o objetivo desse melhor entendimento e preparo? Não estamos falando de mero utilitarismo, e sim de vida com propósito.

Essa resposta pode ser dada em três pontos.

Para aprender os mandamentos: Davi declarou: “As Tuas mãos me fizeram e me formaram; dá-me entendimento para que eu aprenda os Teus mandamentos” (Sl 119:73); e acrescentou: “Sou teu servo; dá-me entendimento, para que eu conheça os Teus testemunhos” (Sl 119:125).

O crescimento bem orientado resulta em melhor preparo e entendimento, o qual nos permite aprender e obedecer aos mandamentos de Deus. Observe que o crescimento não redunde em mera satisfação pessoal, mas em uma vida que se pauta pela vontade de Deus.

Para viver melhor: O salmista também declarou: “Eterna é a justiça dos Teus testemunhos; dá-me entendimento, e viverei” (Sl 119:144). Por sua vez, Salomão escreveu: “Quem adquire sabedoria ama a sua alma; o que conserva o entendimento acha o bem” (Pv 19:8). Em Eclesiastes 7:12, ele ainda afirmou: “A sabedoria protege, do mesmo modo que o dinheiro; mas a vantagem da sabedoria é que ela dá vida a quem a possui.”

Esses três textos apontam para um princípio fundamental: O crescimento bem orientado resulta em melhor preparo e entendimento, o qual nos permite viver melhor. Assim, a vida correta de um cristão autêntico não é resultado de técnicas familiares, lições de autoajuda ou esforço humano solitário.

Não! Ela é resultado de uma compreensão pautada no “assim diz o Senhor”.

Para obter êxito em nossas atividades. Em Provérbios 24:3 está escrito: “Com a sabedoria se constrói a casa, e com a inteligência ela se firma.” Considerando que “o temor do Senhor é o princípio da sabedoria; conhecer o Santo é ter entendimento” (Pv 9:10), é fácil concluir o seguinte: O crescimento bem orientado resulta em melhor preparo e entendimento, o qual nos abre as portas de uma vida bem-sucedida.

O pastor, como discipulador, é desafiado a experimentar crescimento diário e consistente. Para que isso aconteça, é necessário que ele desenvolva de maneira equilibrada todos os aspectos de sua vida. Assim, ele seguirá a orientação da Palavra de Deus: “Mas, seguindo a verdade em amor, cresçamos em tudo naquele que é a cabeça, Cristo” (Ef 4:15). **TM**

Referências

- ¹ I. Neves e J. McGee, *Comentário Bíblico de Lucas: Através da Bíblia* (São Paulo, SP: Rádio Trans Mundial, 2012), p. 49.
- ² F. Rienecker, *Evangelho de Lucas* (Curitiba, PR: Editora Evangélica Esperança, 2005), p. 72.
- ³ As considerações a seguir estão baseadas em Rienecker, *Evangelho de Lucas*, p. 76-78.
- ⁴ J. Strong, *Léxico Hebraico, Aramaico e Grego de Strong* (Barueri, SP: Sociedade Bíblica do Brasil, 2002), verbete *safia*.
- ⁵ Strong, *Léxico*, verbete *helikia*.
- ⁶ W. Hendriksen, *Lucas* (São Paulo, SP: Cultura Cristã, 2014), v. 1, p. 231, 232.
- ⁷ John Stott, *O Discípulo Radical* (Viçosa, MG: Ultimato, 2011), p. 13.
- ⁸ Lothar Coenen e Colin Brown (orgs.), *Dicionário Internacional de Teologia do Novo Testamento* (São Paulo, SP: Vida Nova, 2000), p. 94.
- ⁹ Coenen e Brown, *Dicionário Internacional*, p. 984.
- ¹⁰ Stott, *O Discípulo Radical*, p. 84.
- ¹¹ Frank Viana Carvalho, *Pedagogia da Cooperação: Uma introdução à metodologia da aprendizagem cooperativa* (Engenheiro Coelho, SP: Imprensa Universitária Adventista, 2000), p. v.

ADOLFO SUÁREZ

reitor do Seminário Adventista Latino-Americano de Teologia



Novos conteúdos

Artigos teológicos

Artigos práticos

Sermões

Documentos oficiais

Revista Ministério

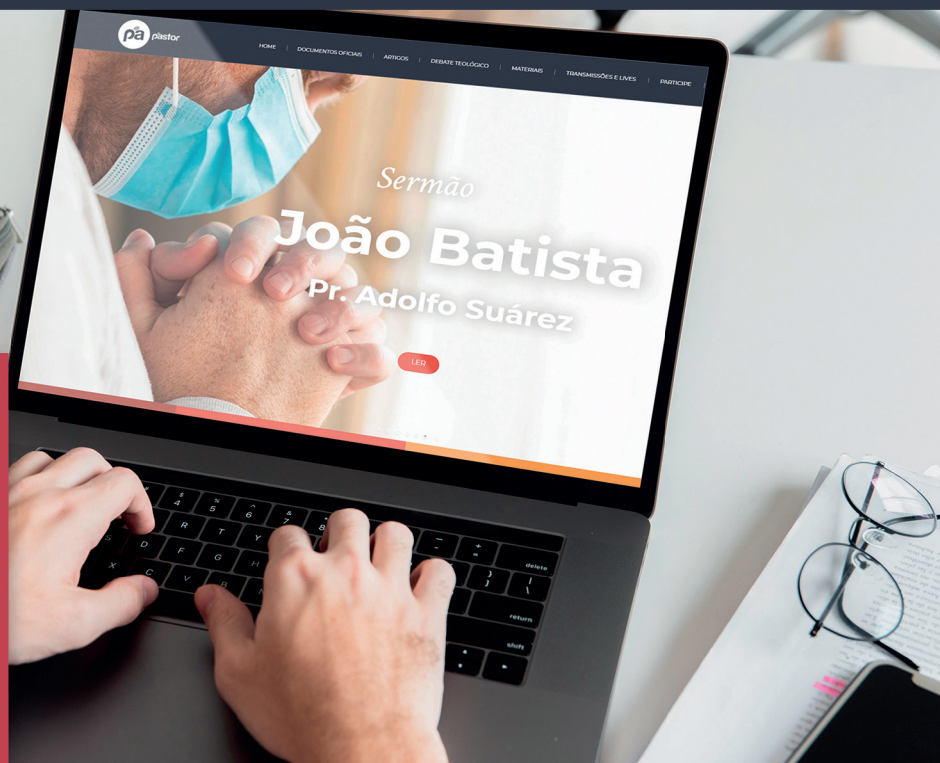
Revista do Ancião

Revistas teológicas

Recursos infográficos

Podcast **7cast**

E muito mais



PORTAL DO PASTOR E DO ANCIÃO

Este portal renovado oferece ferramentas e recursos úteis para ministérios em várias áreas para facilitar a comunicação dentro da Divisão Sul-Americana. Novas ferramentas modernas e simples serão constantemente adicionadas ao Portal.



Fale conosco

pastor.adventistas.org/pt | pastor.pt@adventistas.org

[f](#) [@pastoradventista](#)
[@PastorAdv](#)





A ARTE DA CONVIVÊNCIA

Princípios cristãos para estabelecer relacionamentos saudáveis



A vida cristã é uma vida de relacionamentos. Se isso é verdade para todos os crentes, ela é muito mais para os líderes da igreja, porque dependendo dos tipos de relacionamento que são estabelecidos com os outros, o ministério será bom ou ruim. É correto dizer que o maior interesse de um pastor “deve ser as pessoas. Se você gosta mais de livros, de administração ou de pregação do que de pessoas, você nunca será um ministro bem-sucedido de Jesus. As pessoas devem ser sua especialidade”.¹

Lembro-me de ter lido um artigo, tempos atrás, que apresentava o diálogo entre um jovem pastor que estava entrando no ministério e outro já aposentado. O jovem pastor perguntou ao pastor experiente: “Qual é o melhor conselho que você pode me dar agora que estou iniciando meu ministério?” Depois de pensar, o pastor aposentado disse: “Meu melhor conselho para você é: não machuque ninguém! Relacione-se bem com todos”. O artigo então apresentava diferentes casos em que líderes religiosos feriram membros

com suas ações. Embora não me lembre dos exemplos mencionados na revista, recordo-me de situações em que ocorreram comportamentos semelhantes.

Certo pastor, contrariando todos os conselhos, pediu emprestado uma grande soma de dinheiro a uma família de sua igreja, dinheiro que nunca devolveu. Outro, diante de uma igreja dividida, favoreceu injustamente um grupo e piorou o conflito. Houve ainda um pastor que, em uma demonstração de autoritarismo, impôs sua vontade e se desentendeu com os que não

concordavam com ele. Como era de se esperar, esses comportamentos apenas trouxeram decepção e dor às igrejas. Alguns desses líderes deixaram o ministério. Felizmente, ao longo dos anos, também vi que a maioria dos pastores desenvolveu relacionamentos de amor e respeito com suas igrejas. O testemunho desses obreiros tem deixado corações felizes, agradecidos e desejosos de imitar o bom comportamento de seu pastor (Hb 13:7).

o que implica, entre outras coisas, que o ser humano foi criado como um ser relacional. É por isso que “à Sua imagem [...] Deus o criou; homem e mulher os criou” (v. 27). Desde Gênesis 1 está estabelecido que não era plano divino que o ser humano fosse solitário. De acordo com Gênesis 2, Adão primeiramente se relacionou com o próprio Deus (Gn 2:7). Sem esse primeiro ponto de referência, o homem não teria como entender a si mesmo nem compreender

invejosos e cheios de amargura (Gn 4:1-8; Sl 140:1-4; Jr 17:9; Rm 1:28-32; 3:13-17; 2Co 12:20).³ Felizmente, o plano de salvação nos oferece redenção e restauração em Cristo (Rm 3:24-26; 5:8-11; 6:1-12). É obra do Espírito Santo transformar o pecador à semelhança do caráter de Jesus (Gl 5:22, 23; Rm 8:29), mas é dever de cada cristão submeter sua vontade ao domínio do Senhor, para que essa transformação contínua possa ocorrer (Jo 15:1-8; 2Co 3:18; Gl 5:24, 25).

Quando o cristão não se rende inteiramente ao domínio do Espírito, as ações da natureza carnal serão evidentes em sua vida. Em contraste, Ellen White afirma que quando alguém se submete à “religião de Jesus”, isso “suaviza as maneiras rudes e violentas. Isso torna as palavras gentis e o porte atraente”.⁴

Cristãos e relações interpessoais

Nas Escrituras existem muitas referências que mostram Deus se preocupando com as relações interpessoais de Seus filhos. No Antigo Testamento, o Senhor destacou que esperava relacionamentos justos e atenciosos da parte do Seu povo. Isso pode ser observado nos últimos seis mandamentos do Decálogo, que nos orientam quanto às relações com o próximo (Êx 20:12-17). Esses princípios estão ampliados ao longo do Pentateuco. Por exemplo, em Levítico 19, a maioria das orientações divinas para os israelitas tem que ver com a maneira de tratar os semelhantes.

Eles deviam respeitar os pais (v. 3); não deviam roubar, nem mentir nem oprimir o próximo (v. 11, 13); tampouco deviam focar, guardar rancor ou atentar contra a vida de outros (v. 16, 17). Eles deviam amar o próximo (v. 18). Esses preceitos também mostram a preocupação divina pelos mais vulneráveis, como os pobres, os estrangeiros, os órfãos, as viúvas e os deficientes (v. 9, 10, 14, 33, 34; Êx 22:21-23). Na época dos profetas, a injustiça social foi uma das causas da destruição de Israel e Judá (Jr 5-8; Am 2:1-7; Mq 2:1-13; 7:1-7).



A essência do ministério está no relacionamento com Deus e com o próximo. Ambos os relacionamentos devem ser apropriadamente cultivados para que sejamos pastores de êxito.

A origem dos relacionamentos

Por que as relações interpessoais são tão importantes? Talvez porque o relacionamento teve origem em Deus, um Ser relacional. A expressão “façamos o ser humano à Nossa imagem” evidencia uma pluralidade na Divindade. O Pai, o Filho e o Espírito Santo participaram da Criação (1Co 8:6; Jo 1:1-3; Gn 1:2). Os três constituem uma comunidade relacional desde a eternidade. Se o Deus da Bíblia fosse um Ser solitário, não poderia ser amor (1Jo 4:8), porque o amor não surge na solidão. É por isso que a Bíblia diz que o Pai ama o Filho (Jo 5:20), o Filho ama o Pai (Jo 14:31) e o Espírito Santo também ama (Rm 15:30).²

Quando Deus criou a humanidade, Ele a fez segundo o Seu próprio modelo (Gn 1:26),

adequadamente tudo o mais. A segunda relação que se estabeleceu foi com o meio ambiente, onde devia se desenvolver plenamente (Gn 2:8-17, 19, 20). O terceiro relacionamento foi com alguém igual a ele, alguém com quem pudesse compartilhar a vida, amar e alcançar a plena satisfação de suas necessidades (Gn 2:18, 21-25).

Distorção e restauração

No mundo criado por Deus, os relacionamentos eram ótimos, mas a queda distorceu tudo. O pecado rompeu o vínculo com Deus (Gn 3:8-10), com o meio ambiente (v. 17-19) e com nossos semelhantes (v. 12). A partir daí, as relações humanas se tornaram complicadas. Tornamos egoístas, rancorosos, mentirosos,

O Novo Testamento também apresenta muitas lições sobre como lidar com os outros. Por exemplo, é dito que devemos amar ao próximo como a nós mesmos (Mt 22:39); amar nossos inimigos, e não amaldiçoar aqueles que nos amaldiçoam (Mt 5:44); e perdoar a quem nos ofende (Mt 18:21-35). Também somos encorajados a ter um mesmo sentimento e eliminar as diferenças na igreja (1Co 1:10; Fp 2:2; 4:2; 1Pe 3:8). Em Romanos 12:13 a 21, o apóstolo Paulo deixou um resumo do tipo de relacionamento que os cristãos devem manter e destacou: “Se possível, no que depender de vocês, vivam em paz com todas as pessoas” (v. 18).

A seguir, apresento alguns princípios práticos que podem contribuir para desenvolver relacionamentos saudáveis no ministério.

Trate a todos com respeito. O apóstolo Pedro exortou: “Tratem a todos com o devido respeito: amem os irmãos” (1Pe 2:17, NVI). Deus espera que demos a todos o devido valor, independentemente do gênero, da classe social, condição física, idade ou nacionalidade (Hb 13:7; Fp 2:3). Como líderes podemos ser tentados a tratar as pessoas ricas com grande respeito e sermos indiferentes para com os pobres (Tg 2:1-9). Não devemos tratar bem apenas os adultos e nos esquecer das crianças e dos adolescentes. Aqueles que pedem uma explicação de nossas crenças também devem ter nossa atenção e respeito (1Pe 3:15, NVI).

Procure manter comunicação apropriada. A comunicação é essencial em qualquer relacionamento.⁵ Trata-se de falar, ouvir e transmitir informações. Por meio do diálogo é possível construir ou destruir os outros. Por isso, Paulo escreveu: “Não saia da vossa boca nenhuma palavra torpe, mas só a que for boa para promover a edificação, para que dê graça aos que a ouvem” (Ef 4:29, ARC). No processo da comunicação, não devemos nos concentrar apenas em nossas ideias (Rm 12:16). É importante ouvir os outros e não somente falar (Tg 1:19). Espere o momento certo para

falar, porque há momentos em que não é prudente fazê-lo (Pv 15:23). E como na comunicação as palavras são apenas 7%, e o restante se dá através das expressões não verbais,⁶ é preciso ter cautela com nosso modo de falar (Cl 4:6). Palavras apropriadas podem diminuir a tensão (Pv 15:1).

Desenvolva tolerância e disposição para perdoar. Tiago destacou que “todos nós cometemos muitos erros” (Tg 3:2, NVT). Por causa de nossa imperfeição, somos propensos a ofender, mesmo sem querer. Reconhecer essa realidade nos permite ter tolerância e disposição para perdoar quando as pessoas cometem falhas que nos incomodam. Paulo disse: “Suportem-se uns aos outros e perdoem-se mutuamente, caso alguém tenha motivo de queixa contra outra pessoa. Assim como o Senhor perdoou vocês, perdoem também uns aos outros” (Cl 3:13).

Seja gentil e amável. Amabilidade é a demonstração de afeto e atenção que se dá a outras pessoas. Deve ser uma qualidade presente em todo líder espiritual. “O servo do Senhor não deve viver brigando, mas ser amável com todos” (2Tm 2:24, NVT). O pastor interage com pessoas fáceis e difíceis de lidar, mas não importa de quem se trata, ele deve ser gentil com todos. Ellen White declarou: “O cristão bondoso, cortês, é o mais poderoso argumento que se pode apresentar em favor do cristianismo.”⁷ Além disso, ela também destacou que a amabilidade é um poderoso recurso evangelístico: “Se nos humilhássemos perante Deus e fôssemos bondosos e corteses, compassivos e piedosos, haveria uma centena de conversões à verdade onde agora há apenas uma.”⁸

Seja empático. Cristo disse: “Façam aos outros o mesmo que vocês querem que eles façam a vocês” (Lc 6:31). Portanto, antes de dizer qualquer palavra ou realizar uma ação que possa afetar outra pessoa, pense por um momento como você se sentiria se estivesse no lugar dela. Refletir sobre isso nos ajuda a ser mais cuidadosos e a evitar magoar desnecessariamente as pessoas. É preciso lembrar

que com a medida com que medimos seremos medidos (v. 38).

Tome a iniciativa. Quer ofendamos inadvertidamente ou sejamos ofendidos, a Bíblia nos ensina a tomar a iniciativa para curar a ferida (Mt 5:23, 24; 18:15). Não espere que o outro dê o primeiro passo nem deixe que o orgulho o impeça de se aproximar. Como líderes, somos chamados a imitar a Deus, pois foi Ele quem tomou a iniciativa e nos procurou quando nos rebelamos (Rm 5:6-8; 1Jo 4:19).

A essência do ministério está no relacionamento com Deus e com o próximo. Ambos os relacionamentos devem ser apropriadamente cultivados para que sejamos pastores de êxito. Se um deles for negligenciado, nosso ministério ficará desequilibrado e acabaremos fazendo mais mal do que bem. Que Deus nos ajude a manter esse equilíbrio essencial e refletir Cristo em todos os nossos relacionamentos interpessoais! **M**

Referências

- ¹ Asociación Ministerial de la Asoc. Gen. de los Adv. del Séptimo Día, *Guía de Procedimientos para Ministros* (Buenos Aires: Asociación Casa Editora Sudamericana, 1995), p. 38.
- ² Cristhian Alvarez Zaldúa, *¿Doctrina Bíblica o Invento Humano?* (Vinto, Cochabamba: Nuevo Tiempo, 2017), p. 47-57.
- ³ Fernando Canale, *Elementos Básicos de la Teología Cristiana* (Libertador San Martín, Entre Ríos: Editorial Universidad Adventista del Plata, 2017), p. 203-205.
- ⁴ Ellen G. White, *Reflejemos a Jesús* (Buenos Aires: Asociación Casa Editora Sudamericana, 1985), p. 22.
- ⁵ Jeanine Cannon Bozeman e Argile Smith (eds.), “Developing Communication Skills”, em *Interpersonal Relationship Skills for Ministers* (Gretna, LA: Pelican Publishing Company, 2004), p. 33.
- ⁶ Sergio Rullcki e Martín Cherny, *CNV Comunicación no Verbal: Cómo la inteligencia se expresa a través de los gestos* (Buenos Aires: Granica, 2007), p. 14.
- ⁷ Ellen G. White, *Obreiros Evangélicos* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2014), p. 122.
- ⁸ Ellen G. White, *Testemunhos para a Igreja* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2015), v. 9, p. 189.

CRISTHIAN ALVAREZ ZALDÚA

professor da Universidade Adventista da Bolívia



GESTOR EXCELENTE

Dicas para ser bem-sucedido na administração eclesial

Ivanaudo B. Oliveira

Atualmente é comum ouvir termos como administração, liderança e *coaching* em conversas cotidianas. Grandes empresas buscam líderes em toda parte e estão dispostas a lhes pagar altos salários, desde que conquistem resultados expressivos para elas. Quais são as qualificações que essas organizações buscam nesses profissionais? Por que elas estão dispostas a remunerá-los tão bem para tê-los em funções-chave?

A igreja não é uma instituição com fins lucrativos, mas deve aprender algumas lições úteis para ser bem-sucedida em sua gestão.

Quais princípios de administração e liderança podem ser usados por pastores, administradores e líderes de instituições adventistas? Quais cuidados se deve ter para não incorrer no risco de imitar práticas administrativas que, embora produtivas, não se harmonizam com a cosmovisão cristã? É preciso reconhecer que alguns pastores são tentados a usar estratégias e ferramentas de liderança que até podem impulsionar o crescimento de sua igreja ou instituição, mas se chocam com os fundamentos da liderança e administração cristãs.

O que difere a liderança e administração convencional da liderança e administração cristã? Em síntese, a administração e liderança convencional têm seu foco nas qualidades e capacidades dos líderes de gerar resultados. Por outro lado, a administração e liderança cristã têm por objetivo servir com amor às pessoas lideradas, tendo em vista a missão designada por Deus. Nesse sentido, o esforço do líder cristão é, com foco na missão, levar as pessoas motivadas por ele a se comprometerem com objetivos e alvos relacionados com a expansão do reino de Deus. Assim, fica estabelecida a diferença entre conceitos.

Neste artigo, usarei o termo *gestão* como sinônimo da junção dos conceitos de administração e liderança eclesial, considerando que o objetivo de ambas é o mesmo.

No mundo corporativo, o gestor tem como objetivo orientar, encorajar e motivar seus colaboradores a crescer em seu desempenho pessoal, usando metas claras para criar alvos mensuráveis, além de reconhecer potenciais e desenvolver competências de sua equipe. Saindo do ambiente de mercado e entrando no contexto eclesial, de acordo com a Bíblia, quais são os princípios que um *gestor* deve seguir para contribuir efetivamente com a missão designada por Deus? Neste artigo, gostaria de apresentar sete pontos fundamentais para que pastores e líderes cristãos sejam bem-sucedidos em sua tarefa de administrar.

Liderança servidora

O gestor que está interessado em ser servido e não em servir, não serve. Essa ideia é defendida pelo conceito de “liderança servidora”, apresentado dessa maneira pela primeira vez em 1970, por Robert Greenleaf. Em um ensaio sobre o tema, o autor enfatizou a necessidade de as empresas tratarem seus colaboradores e clientes com justiça e espírito de serviço.¹

No entanto, nos evangelhos, Cristo já havia deixado claro esse pensamento ao dizer: “Quem quiser tornar-se grande entre vocês, que se coloque a serviço dos outros; e quem quiser ser o primeiro entre vocês, que seja servo de vocês; tal como o Filho do Homem, que não veio para ser servido, mas para servir e dar a Sua vida em resgate por muitos” (Mt 20:26-28). Além disso, outros autores neotestamentários como Paulo (Gl 5:13; 1Co 9:19; 2Tm 1:3) e Pedro (1Pe 2:18) destacaram a importância dessa atitude essencial. Assim, o testemunho bíblico indica que a liderança espiritual aprovada por Deus ocorre por meio do serviço.

Descentralização do trabalho

Êxodo 18:13 a 27 narra um momento significativo para Moisés. À frente de Israel,

ele julgava as questões do povo sozinho, algo que comprometia seu tempo e sua capacidade de liderar. As pessoas esperavam em longas filas por horas, até que suas causas fossem analisadas por ele. Ao ver a situação constrangedora, Jetro, seu sogro, deu-lhe a sugestão de escolher homens íntegros para liderar grupos de mil, cem, cinquenta e dez pessoas, a fim de resolver problemas menores e lhe encaminhar os temas realmente difíceis (v. 21-23). Moisés seguiu esse conselho, e tanto ele quanto o povo foram beneficiados com isso.

Ellen White escreveu algo importante para líderes cristãos: “O tempo e a força dos que, pela providência de Deus, foram colocados em posições de autoridade e responsabilidade na igreja devem ser gastos para lidar com assuntos de maior importância, que exijam capacidade especial e um conhecimento abrangente. Não é plano de Deus que esses homens sejam chamados para resolver questões de menor importância, que outros são bem qualificados para administrar.”²

Às vezes, pastores e líderes se ocupam com tarefas menos complexas que outras pessoas poderiam fazer obtendo os mesmos resultados. Isso consome tempo e energia desnecessários. Portanto, é importante que o gestor descentralize sua liderança, permitindo que outros líderes sejam capacitados e tenham condições de alcançar metas simples, claras e proporcionais à sua atribuição. Ao fazer assim, certamente sua capacidade de liderança será multiplicada, e sua igreja ou instituição ganhará com isso.

Atenção aos dons espirituais

Especialmente no contexto local, a gestão eclesial deveria ocorrer por meio de ministérios de acordo com dons. Em seus escritos, Paulo destacou a variedade e origem dos dons espirituais ao dizer “ora, os dons são diversos, mas o Espírito é o mesmo” (1Co 12:4). Aliás, o apóstolo foi o autor que mais escreveu sobre o tema, mencionando-o nos livros de Romanos (12:3-8), 1 Coríntios (12-14) e Efésios (4:7-16).

No estudo sobre os dons espirituais, alguns autores entendem que talentos naturais, aqueles que fazem parte da personalidade individual, se transformam em dons espirituais assim que a pessoa passa a usá-los à serviço da obra de Deus. Outros estudiosos defendem que os talentos naturais são distintos dos dons espirituais dados pelo Espírito Santo para a realização de atividades que estão relacionadas com a expansão do reino de Deus na Terra.

Independentemente de qual perspectiva seja adotada, o gestor eclesial deve ajudar as pessoas a descobrir, desenvolver e usar seus talentos ou dons espirituais nos ministérios da igreja. Infelizmente, isso não ocorre em muitas congregações, onde as pessoas certas acabam servindo nos lugares errados. E esse é um dos grandes desafios para a gestão, seja ela eclesial ou industrial. James Collins, consultor norte-americano, afirma que uma das características mais importantes encontrada em empresas sólidas é posicionar a pessoa certa no lugar certo.³ Isso é algo que devemos aprender a pôr em prática.

Idoneidade comprovada

De acordo com o dicionário, a palavra *idôneo* tem três significados: (1) “Que é próprio ou conveniente para alguma coisa”; (2) “Que tem capacidade de, conhecimento ou competência para realizar bem alguma coisa; apto, capaz, competente”; e (3) “Que é digno, honrado e de honestidade inquestionável”.⁴

Espera-se, portanto, que o gestor eclesial seja reconhecido por essas características. Ao aconselhar Moisés, Jetro sugeriu que fossem escolhidos auxiliares “capazes, tementes a Deus, homens que amam a verdade e odeiam a corrupção” (Êx 18:21). Quando os apóstolos escolheram os primeiros diáconos, procuraram homens de “boa reputação, cheios do Espírito e de sabedoria” (At 6:3). Na lista paulina de virtudes para os presbíteros, é notório que a maior parte das características dos

postulantes ao ofício está relacionada com o caráter deles (1Tm 3:1-7).

Assim, espera-se que o gestor eclesial seja íntegro, idôneo, antes mesmo de pensar em suas qualificações ou capacidades. Ellen White aconselhou: “Que aqueles em cujas mãos Deus colocou a luz da verdade se apartem de toda iniquidade. Andem nos caminhos da retidão, dominando toda paixão e hábito que de qualquer modo possam vir a arruinar a obra de Deus, ou lançar uma mancha sobre sua santidade. [...] Mediante a graça de Cristo, os homens podem adquirir estrutura moral, força de vontade e estabilidade de desígnio. Há poder nessa graça para os habilitar a sobrepor-se às sedutoras e empolgantes tentações de Satanás, e a tornarem-se cristãos leais e devotados.”⁵

Autoridade sem autoritarismo

Alguns gestores têm dificuldade em equilibrar autoridade e amor. Nesse caso, a palavra “amor” representa elementos como cuidado, bondade ou simpatia. Por sua vez, o termo autoridade está relacionado com controle, comando ou ordem. De forma didática, é possível compreender as relações entre os dois conceitos da seguinte maneira:

- Se você tiver 100% de amor e 0% de controle é permissivo.
- Se você tiver 100% de controle e 0% de amor é autoritário.
- Se você tiver 0% de controle e 0% de amor é negligente.
- Se você tiver 100% de amor e 100% de controle tem autoridade.

Ao longo de meus 46 anos de ministério, boa parte deles servindo como gestor eclesial, conheci líderes sem comando, entretanto amorosos. Também conheci líderes autoritários, faltos em amor e compaixão. Para ser libertos das garras dos extremos, gestores eclesiais devem seguir o modelo de Jesus. Ele era sério, mas era bom. Tinha autoridade, mas era amoroso. Era forte, mas portava-se com humildade. Tinha poder, mas era terno.

O líder que adotar Cristo como modelo terá autoridade, mas não será autoritário.

Consideração pelos antecessores

Em uma correspondência, Isaac Newton reconheceu: “Se eu vi mais longe foi por estar sobre ombros de gigantes.” Grandes líderes reconhecem a ajuda direta ou indireta que receberam em sua trajetória. Jesus usou uma metáfora do trabalho agrícola para apresentar esse conceito ao dizer: “Um é o que semeia, outro é o que colhe” (Jo 4:37). E Paulo repetiu essa ideia ao escrever à igreja de Corinto (1Co 3:5-9).

Michael Youssef diz que prestamos reconhecimento aos outros quando (1) reconhecemos que todo talento que temos é dom de Deus; (2) não nos vangloriamos pelos talentos que Deus nos deu; (3) reconhecemos e agradecemos aqueles que nos ajudaram a desenvolver essas capacidades; e (4) somos gratos a Deus pelo que temos.⁶

A maneira pela qual o Senhor orientou Josué assim que ele assumiu a liderança de Israel é muito instrutiva. Em Josué 1:1 a 7, Deus ordenou a Josué que ele fosse forte e corajoso e seguisse toda a Lei dada a Moisés. Antes de atravessar o Jordão, o Senhor declarou a Josué: “Hoje começarei a engrandecer você aos olhos de todo o Israel, para que saibam que, como estive com Moisés, assim estarei com você” (Js 3:7). Assim, Josué estabeleceu sua liderança sobre o fundamento da liderança de Moisés. Jamais tentou legitimar sua posição explorando as falhas de seu antecessor.

Infelizmente, nem sempre isso acontece no contexto da gestão eclesial. Às vezes, alguns são tentados a expor as fraquezas e até apagar a memória dos que os antecederam. Que nenhum de nós cometa esse erro!

Conduta refinada

Todo gestor eclesial deve ser reconhecido por sua postura cordial e positiva. Portanto, chamar as pessoas pelo nome, ser altruísta, valorizar a participação dos membros da equipe, saber controlar a

raiva, ter habilidade ao tratar de temas sensíveis, manifestar apreço adequadamente e apoiar espiritualmente aqueles que estão sob sua liderança são virtudes essenciais.

Ellen White destacou a importância desse princípio ao dizer: “Muitas pessoas têm sido desviadas para uma direção errada, e assim perdidas para a causa de Deus, devido à falta de habilidade e sabedoria da parte do obreiro. O tato e o critério centuplicam a utilidade do obreiro. Se profere as palavras convenientes no tempo oportuno e manifesta o devido espírito, isso terá no coração daquele que ele está procurando ajudar uma influência capaz de o comover.”⁷

Conclusão

Em alguns lugares a mentalidade é valorizar as coisas e usar as pessoas. Mas os gestores eclesiais bem-sucedidos valorizam as pessoas e usam as coisas. Eles sabem que, muitas vezes, as pessoas que estão sob sua responsabilidade são voluntárias e desempenham suas tarefas por amor e com dedicação. Assim, seu principal objetivo é motivar e amar essas pessoas que se propõem a fazer o melhor para Cristo, servindo como um instrumento de edificação na vida delas. **M**

Referências

- ¹ “Robert K. Greenleaf”, *Wikipedia*, acesso em 04/11/2020, disponível em <bit.ly/3mPqgMm>.
- ² Ellen G. White, *Atos dos Apóstolos* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2014), p. 93.
- ³ Jim Collins, *Empresas Feitas para Vencer* (Rio de Janeiro: Alta Books, 2018), ver capítulo 3, “Primeiro quem... Depois o quê”.
- ⁴ “Idôneo”, *Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa*, acesso em 06/11/2020, disponível em <bit.ly/3l9fpfO>.
- ⁵ Ellen G. White, *Obreiros Evangélicos* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2014), p. 126.
- ⁶ Michael Youssef, *O Estilo de Liderança de Jesus* (Curitiba, PR: Betânia, 2019), p. 42.
- ⁷ Ellen G. White, *Obreiros Evangélicos*, p. 119.

IVANAUDO B. OLIVEIRA

pastor jubilado e professor na Faculdade de Teologia do Instituto Adventista Paranaense



RETRATO DO PASTOR

Qualidades bíblicas do líder de igreja

Emilson dos Reis

As expressões “líder”, “liderança” e “liderar” não se encontram nas Escrituras. No entanto, os conceitos que elas expressam aparecem ali. As palavras equivalentes empregadas na Bíblia são, respectivamente, “pastor”, “pastoreio” e “pastorear”. Quando nos vem à mente a expressão “pastor”, logo pensamos no homem que cuida de um rebanho de animais ou no responsável espiritual de uma igreja. Contudo, na Bíblia, essa palavra é utilizada em relação aos reis, príncipes, governantes, magistrados, juízes, profetas e sacerdotes – fossem eles justos ou ímpios, pertencessem eles ou não ao povo de Deus. Ou seja, qualquer indivíduo que fosse líder era chamado de pastor, inclusive por Deus. É por essa razão que ao anunciar a libertação de Judá do cativeiro babilônico por meio de Ciro, um rei pagão, o Senhor diz: “Ele é Meu pastor e cumprirá tudo o que Me agrada” (Is 44:28).

Em outra situação, quando o profeta Micaías avisou o ímpio rei Acabe que ele morreria se fosse à guerra contra os sírios, disse: “Vi todo o Israel disperso pelos montes, como ovelhas que não têm pastor” (2Cr 18:16). Nesse caso, o pastor era Acabe, o rei. Também Jeremias, ao anunciar a vinda das tropas inimigas contra Jerusalém para guerrear contra ela, comparou os líderes militares inimigos com pastores e seus exércitos com rebanhos (Jr 6:1, 3, 4).

Portanto, segundo a perspectiva bíblica, todos os líderes são pastores, o que significa que são responsáveis diante de Deus por um rebanho, formado por aqueles a quem lhes compete cuidar, proteger e guiar.

Os principais textos bíblicos referentes à atividade de quem pastoreia ovelhas e pessoas apresentam algumas qualidades que devem estar presentes nos líderes da igreja (Sl 23:1-4; Lc 15:4-7; Jo 10:1-5, 10-14; 1Pe 5:1-4). Nesses textos é mencionado que eles devem se relacionar com seus liderados de modo que haja conhecimento mútuo. Como responsáveis que são, devem suprir as necessidades do grupo, protegendo e corrigindo, guiando e orientando, por meio de suas palavras e seu exemplo. O que os motiva não deve ser o lucro pessoal, mas o amor. Por isso, sua liderança é espontânea, de boa vontade e sem dominação.

De fato, não é qualquer um que pode liderar o povo de Deus. Para exercer tal função são necessárias certas habilidades e qualidades. Algumas delas, mais espirituais, podem ser vistas na vida de outros cristãos que não são líderes; outras, mais técnicas, fazem parte do repertório de líderes seculares bem-sucedidos. A seguir, limitados pelo espaço, discorreremos apenas sobre algumas que julgamos constar entre as mais importantes.¹

Consagração

Jesus frequentemente convidava Seus ouvintes a uma entrega total. Certa vez Ele disse: “Qualquer um de vocês que não renuncia a tudo o que tem não pode ser Meu discípulo” (Lc 14:33). Esse “tudo” pode variar

de pessoa para pessoa, mas sempre se refere a tudo aquilo que, se conservado, nos impediria de manter uma relação adequada, profunda e duradoura com Cristo. Pode ser um relacionamento, uma atividade, um mau hábito, um vício, um pecado, qualquer coisa a qual temos amado mais do que a Jesus. É justamente isso que deve ser renunciado. Se essa deve ser a experiência de todo cristão, muito mais de um líder da igreja. Aquele que é consagrado oferece a Deus tudo que é e tudo quanto possui, desejando pertencer-Lhe para sempre.

Visão

Apenas alguns têm a capacidade de ver o que vai se realizar como se já existisse. Eles também conseguem “criar uma imagem convincente do futuro” e a compartilham com os demais.² Isso é chamado visão. A competência criativa que produz tanto o foco como a energia necessários para a ação.³

O líder sabe o que quer fazer e para onde vai porque em sua mente ele já viu. Ultrapassando a realidade do tempo presente, ele consegue ver as possibilidades do futuro. Por exemplo, o ancião de uma igreja olha para um moço consagrado, talentoso, missionário e responsável e vê nele um futuro pastor; então, o motiva a ir para o seminário a fim de se preparar para a obra pastoral.

Há mais de 35 anos, um grupo de líderes da igreja visitou uma fazenda no estado de São Paulo. O que viram? Muito mais do que terra, cercas, tratores e árvores com seus frutos. Viram milhares de jovens se preparando para servir a Obra de Deus. Por isso, compraram a fazenda e nela começaram a construir o Centro Universitário Adventista de São Paulo, campus Engenheiro Coelho que, até o momento, já entregou para as igrejas e a sociedade milhares de formandos em cerca de 20 áreas do saber. Aqueles líderes foram homens de visão.

A visão “desenha o alvo. Ela acende e alimenta a chama interior e impele o líder para frente. Ela também incendeia aqueles

que seguem o líder”.⁴ Para descobrir a visão, o líder deve ouvir o que Deus tem a lhe dizer; examinar seu interior, analisando seus dons e aspirações; observar à sua volta o que não funciona e que clama por solução; e aprender com as pessoas que têm sido bem-sucedidas.⁵

Iniciativa

Iniciativa é uma virtude que abarca o espírito de decisão, a coragem para lançar-se à ação e a prontidão para começar o que precisa ser feito, fazendo uso dos recursos que temos à disposição, mesmo que sejam apenas os nossos pensamentos.⁶

O líder que tem iniciativa não fica esperando a oportunidade chegar, a situação melhorar, nem vive ao sabor do destino. Ele decide e age. Além de saber muito bem o que quer e ser dedicado em suas ações, corre mais riscos e comete mais erros, contudo, isso não o desanima.⁷ Ele não tem medo de errar.

Competência

Todo líder precisa conhecer bem seu trabalho, tanto para ter o respeito do grupo que lidera como para poder ensinar, treinar e orientar. É necessário que esteja atualizado. Para isso, ele pode recorrer a livros, cursos e seminários. Pessoas bem-sucedidas estão sempre adquirindo conhecimentos especializados relacionados ao seu trabalho.⁸

Personalidade agradável

O êxito em nosso serviço em favor dos outros depende não apenas da quantidade e da qualidade do trabalho que realizamos, mas, especialmente, do espírito que manifestamos no desempenho das atividades, tendo um comportamento cordial, agradável, harmonioso e cooperador com nosso semelhante.⁹ Daniel Goleman declara que os líderes mais eficientes geralmente têm um ponto comum, que ele chama de inteligência emocional, e que inclui autoconhecimento, autocontrole, motivação, empatia e destreza social.¹⁰

O exemplo de Cristo é inspirador. “O Salvador nunca suprimiu a verdade, mas disse-a sempre com amor. Em Suas relações com outros, exercia o máximo tato e era sempre bondoso e cheio de cuidado.”¹¹

O líder precisa demonstrar interesse sincero pelos outros, ouvi-los com atenção e procurar compreendê-los. Isso deve acontecer especialmente nos momentos mais marcantes para eles. “O chefe que se aproxima de seus liderados nos momentos de dor ou de triunfo penetra mais fundo em seu coração nesse breve momento do que em toda uma vida.”¹²

Perseverança

Perseverança é a capacidade de persistir rumo aos objetivos que se esperam alcançar, a despeito das circunstâncias negativas. Bennis e Thomas, especialistas em liderança, acreditam que a habilidade essencial mais importante dos grandes líderes é o que chamam de “capacidade adaptativa”.¹³ Eles afirmam: “Líderes extraordinários encontram significado nos acontecimentos mais negativos – e aprendem com eles. [...] Eles emergem da adversidade mais fortes, mais confiantes em si e em seus propósitos e mais comprometidos com seu trabalho.”¹⁴

Os eventuais reveses que surgem em nossa caminhada devem ser vistos como uma derrota temporária, em vez de um fiasco permanente. São oportunidades para renunciar hábitos de vida e de pensamento que podem levar ao fracasso, para formular hábitos novos e melhores e um estilo novo de vida que resultem em êxito.¹⁵

Entusiasmo

Entusiasmo é uma palavra derivada da língua grega e utilizada em relação às pessoas empolgadas. Originalmente, acreditava-se que elas estavam possuídas ou inspiradas por uma divindade. O líder do povo de Deus, por causa de sua intimidade com o Senhor, mais do que qualquer outra pessoa, deve ser otimista, vibrar com o que faz e contagiar os que estão à sua volta.

Seu entusiasmo deve brotar do íntimo, conferir força e convicção, assim suas palavras irão conquistar a cooperação dos outros e motivar à ação.¹⁶ O entusiasmo costuma atrair as pessoas, as circunstâncias e os recursos que cooperarão para que alcancemos êxito.¹⁷

Autocontrole

Nossas emoções estão relacionadas a impulsos biológicos, mas precisam ser administradas de modo que não nos tornemos seus prisioneiros. É necessário aprender a dizer “não” aos impulsos negativos,¹⁸ e saber se controlar mesmo nas mais probantes situações, enfrentando-as com confiança e tranquilidade. Tal comportamento causa efeito positivo sobre os seguidores e promove um clima de segurança.

Honestidade

Especialistas em liderança realizaram uma ampla pesquisa para identificar os atributos que as pessoas mais apreciam em um líder. Depois de analisarem os dados obtidos nas entrevistas com mais de 20 mil pessoas, em quatro continentes, perceberam que apenas quatro características foram assinaladas por mais da metade dos entrevistados. São elas: competência (63%), inspiração (68%), visão de futuro (75%) e honestidade (88%).¹⁹

A pesquisa demonstra que a honestidade ainda é muito apreciada como qualidade moral em um líder, mesmo nas questões seculares. Ser honesto na liderança inclui cumprir as promessas, tratar bem as pessoas sendo atencioso quanto às suas necessidades e sentimentos e incentivar o comportamento ético de seus colaboradores.²⁰

Portanto, aqui estão algumas qualidades que devem fazer parte de sua experiência como líder espiritual. Elas são fundamentais para que você exerça uma liderança que tenha a aprovação do Céu e resulte no avanço do reino de Deus na Terra. **TM**

Referências

- ¹ Emilson dos Reis, *Como Liderar: Princípios e procedimentos de liderança e sua aplicação para a igreja* (Engenheiro Coelho, SP: Unaspres, 2018), p. 51-60.
- ² Deborah Ancona et al., “Em defesa do líder incompleto”, *Desafios da Liderança*, Harvard Business Review (Rio de Janeiro, RJ: Sextante, 2020), p. 187.
- ³ *Ibid.*, p. 194.
- ⁴ John Maxwell, *As 21 Indispensáveis Qualidades de um Líder* (São Paulo, SP: Mundo Cristão, 2000), p. 135-137.
- ⁵ J. R. W. Penteado, *Técnica de Chefia e Liderança* (São Paulo, SP: Pioneira, 1973), p. 18.
- ⁶ Andrew Carnegie, citado em Napoleon Hill, *A Chave Mestra das Riquezas*, 11ª ed. (Rio de Janeiro, RJ: Record, 1997), p. 111.
- ⁷ Maxwell, p. 70, 71.
- ⁸ Napoleon Hill, *Pense e Enriqueça*, 6ª ed. (Rio de Janeiro, RJ: Record, 2002), p. 85.
- ⁹ Maxwell, p. 127, 128, 157.
- ¹⁰ Daniel Goleman, “O que define um líder?”, em *Desafios da Liderança*, Harvard Business Review (Rio de Janeiro, RJ: Sextante, 2020), p. 7, 8.
- ¹¹ Ellen G. White, *Obreiros Evangélicos* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2014), p. 117.
- ¹² Penteado, p. 17.
- ¹³ Warren G. Bennis e Robert J. Thomas, “As provas de fogo da liderança”, em *Desafios da Liderança*, Harvard Business Review (Rio de Janeiro, RJ: Sextante, 2020), p. 119.
- ¹⁴ *Ibid.*, p. 107.
- ¹⁵ *A Chave Mestra das Riquezas*, p. 155. Ao arrazoar sobre esse tema, John C. Maxwell afirma que para desenvolver perseverança é necessário eliminar seus cinco maiores inimigos: (1) Um estilo de vida com base na desistência; (2) A falsa crença de que a vida deveria ser fácil; (3) A falsa crença de que o sucesso é um destino; (4) A falta de resiliência e (5) A falta de visão [Talento Não É Tudo: Descubra os 13 princípios para você superar seus talentos e maximizar suas habilidades, p. 153-157].
- ¹⁶ *A Chave Mestra das Riquezas*, p. 162.
- ¹⁷ Hill, p. 32, 33, 60.
- ¹⁸ Goleman, p. 17-19.
- ¹⁹ Jim Kouzes e Barry Posner, citados em Ramon J. Aldag e Buck Joseph, *Liderança e Visão: 25 princípios para promover a motivação* (São Paulo, SP: Publifolha, 2002), p. 55.
- ²⁰ *Ibid.*, p. 56, 58.

EMILSON DOS REIS
professor da Faculdade de
Teologia do Unasp, EC



PAIXÃO PELA MISSÃO

Fundamentos da motivação missionária
para o ministério

Agenilton Corrêa

A missão é uma realização do Deus triúno em um movimento no qual Ele Se torna conhecido para salvar.¹ O tema da missão não pode ser visto dissociado do discipulado nem da ação salvadora da Trindade no mundo. Por conseguinte, a missão da igreja deve ser moldada pela missão divina, fundamentada na compreensão da Divindade e de Sua relação com a humanidade.

Deus missionário

O conceito bíblico de missão está relacionado com a ideia de “enviar” ou “ser enviado.”² A fim de tornar efetivo o plano da redenção, o Pai enviou Seu Filho para salvar o pecador (Jo 3:16; 5:37; 6:38). Após a morte, ressurreição e ascensão de Jesus, ambos enviaram o Espírito Santo (Jo 14:16, 26; 16:13), com a missão de restaurar o pecador e comissionar os salvos, como igreja, a compartilhar as boas-novas do evangelho. A ação integrada, coordenada, das três pessoas da Divindade em favor da salvação das pessoas tem sido caracterizada por missiólogos pela expressão *missio Dei*.³

Além disso, a natureza missionária de Deus deve ser identificada como missão integral. Nesse ponto, é preciso destacar que essa afirmação não deve ser confundida com os conceitos sustentados pela Teologia da Missão Integral que, à semelhança da Teologia da Libertação, defende um contexto evangelístico de libertação de opressões e é “marcado pelo problema histórico da dominação e da dependência”.⁴

Em virtude do grande conflito cósmico, o pecado se tornou universal (Ez 28:17; Is 14:13, 14); portanto, é necessária uma ação divina igualmente universal para combatê-lo. A visão missionária de Deus é ampla e inclusiva, alcançando todos os povos da Terra por meio de Seu plano salvífico, que convida os incrédulos, por intermédio da poderosa ação do Espírito Santo, a aceitar o amável senhorio de Jesus Cristo.

Discípulo missionário

Assim como Deus enviou Seu Filho para proclamar a salvação, Cristo envia Seus discípulos para compartilhar o evangelho e formar novos seguidores (Mt 28:19, 20). A ordem de Jesus, “façam discípulos” (Mt 28:19), implica a dotação do Espírito

para o cumprimento da grande comissão (Rm 12:6-8; 1Co 12:4-11, 28-31). Assim, a concessão dos dons espirituais aos discípulos tem sua origem no Pai e no Filho (Ef 4:8, 11; 1Ts 4:8), e o Espírito Santo, o “agente de todas as atividades espirituais”⁵ na igreja, distribui os dons “a cada um, individualmente, conforme Ele quer” (1Co 12:11).

A ordem de fazer discípulos resulta também em evangelização internacional. Os apóstolos receberam o poder para testemunhar quando o Espírito Santo desceu sobre eles, capacitando-os a proclamar as boas-novas até os confins da Terra, a partir de Jerusalém (At 1:8; 2:1-4). A mensagem de salvação precisa ser levada a todos os povos para o cumprimento da missão mundial, tendo sempre as Escrituras como fundamento da pregação.

Nesse sentido, o testemunho escriturístico sobre Jesus ganha um forte aliado no tempo do fim, o Espírito de Profecia, marca do remanescente escatológico (Ap 12:17; 14:12). De acordo com o Apocalipse, esse grupo de fiéis manterá o testemunho de Jesus mesmo diante da perseguição imposta pelo dragão (Ap 12:17). A tríplice mensagem que deve ser pregada por eles (Ap 14:6-12) é de significado e alcance universal, pois Deus os designou para cumprir

a grande comissão de Mateus 28:18 a 20. Nas cenas finais, enquanto o remanescente estiver proclamando as três mensagens angélicas movidos por uma poderosa manifestação do Espírito Santo (Ap 18:1), a falsa trindade composta pelo dragão, a besta e o falso profeta anunciará uma mensagem contrafeita (Ap 16:13, 14), preparando, assim, o cenário para o Armagedom.

Incentivo à missão

Nossa motivação para a missão deve ser encontrada em Jesus Cristo, que Se identificou com a humanidade por meio da encarnação e dá elementos que impelem a ação dos salvos em favor dos perdidos. A compaixão, esse “sentimento de pesar, pena e simpatia para com o sofrimento de outrem, associado ao desejo de confortá-lo”,⁶ é o que fundamenta a paixão pela missão. Jesus agiu assim. Concordando com Arthur Schopenhauer, Friedrich Nietzsche equivocadamente afirmou, ao criticar Jesus e Seu sistema moral, que a compaixão é a negação da vida, responsável pela multiplicação do sofrimento humano, e que “o amor é o estado em que o homem enxerga as coisas como elas *não* são.”⁷ Contudo, é exatamente o oposto! O “espírito altruísta de Cristo”,⁸ marcado pelo amor, compaixão e serviço ao próximo (Mt 20:28), é a única coisa capaz de transformar o ser humano e conduzi-lo a um patamar mais elevado.

O fator motivador para obediência à ordem do Mestre para fazer novos discípulos é a percepção compassiva por parte do discipulador de que o pecador é servo de Satanás e vive uma vida arruinada, que precisa de libertação e serviço amável e voluntário, totalmente dependente de “uma ‘missão integral’ capaz de restaurar sua vida espiritual, sua dignidade, sua condição social e seu senso de cidadania”.⁹

Quando o discípulo se torna um discipulador por amor, ele reflete a ação da própria Trindade (cf. Jo 15:8-17), devendo replicar as ações de Cristo, que “trabalha com esforço persistente, fervoroso e

incansável pela salvação da humanidade perdida”,¹⁰ e dizer a todos à sua volta como foi transformado por Ele. A missão é um mandato de Deus¹¹ que deve ser cumprido por meio do sentimento de profunda compaixão por aquele que ainda vive no jugo da escravidão do pecado, vivenciado outrora pelo discipulador.

O trabalho em favor da salvação de pessoas deve ser movido pelo desejo de que o pecador se aproxime “do trono da graça com confiança”, a fim de receber misericórdia em momento oportuno (Hb 4:16), e encontre “o Filho de Deus, como grande Sumo Sacerdote” (Hb 4:14), compassivo, amoroso e disposto a conceder aquilo que o ser humano arrependido mais deseja: a paz com Deus (Rm 5:1).

No entanto, esse ideal não está livre de empecilhos. O maior inimigo da missão é a busca pela preservação da própria comodidade, o ministério não abnegado, uma vez que o processo de evangelização inevitavelmente tirará o discípulo de sua zona de conforto. Por isso, devemos ter sempre em mente que em Cristo “o próprio eu e o interesse próprio não tinham parte alguma em Seu trabalho”.¹² Devemos nos inspirar no fato de que Ele, “mesmo existindo na forma de Deus, não considerou o ser igual a Deus algo que deveria ser retido a qualquer custo”, esvaziando-se e “assumindo a forma de servo” (Fp 2:6, 7), para vivenciar nossa realidade de sofrimento e nos tornar participantes das bênçãos celestiais.

Portanto, visto que o Pai, o Filho e o Espírito Santo estão envolvidos em salvar a humanidade, o mesmo deve acontecer com os discípulos de Cristo. O amor que une a Trindade, sendo o motivo para Sua ação missionária em favor das pessoas, também deve ser o vínculo que liga os discípulos (Jo 13:35), a razão da empatia e unidade de sentimento entre os ministros do evangelho, bem como fator que impulsiona o cumprimento da missão confiada por Jesus. É o fundamento para o pastor apascentar as ovelhas (Jo 21:15-17). Se, na qualidade de pastores discipuladores, a missão

de Deus não se tornar uma prioridade para nós, então perdemos o foco do discipulado. O sofrimento das ovelhas perdidas e a morte eterna como a certeza de seu destino devem ser suficientes para que mantenhemos a paixão pela missão de Deus. **M**

Referências

¹ John R. W. Stott, “O Deus Vivo é um Deus Missionário”, em Ralph D. Winter, Steven C. Hawthorne e Kevin D. Bradford (eds.), *Perspectivas no Movimento Cristão Mundial* (São Paulo, SP: Vida Nova, 2009), p. 33-40; Russell P. Shedd, “Missão: A Prioridade de Deus”, em Winter, Hawthorne e Bradford, *Perspectivas no Movimento Cristão Mundial*, p. 26-32.

² Gordon R. Doss, *Introduction to Adventist Mission* (Silver Spring, MD: Institute of World Mission of General Conference of Seventh-day Adventists, 2018), p. 3.

³ J. Andrew Kirk, *O que é Missão? Teologia bíblica de missão* (Londrina, PR: Descoberta, 2006), p. 45. A expressão latina *missio Dei* significa literalmente “o envio de Deus”, que comunica a salvação ao mundo. Jiri Moskala “The Mission of God’s People in the Old Testament”, *Journal of the Adventist Theological Society*, v. 19, n. 1-2 (2008): 42; John A. McIntosh, “Missio Dei,” em A. Scott Moreau (ed.) *Evangelical Dictionary of World Mission* (Grand Rapids, MI: Baker, 2000), p. 631, 632.

⁴ Regina Fernandes, *Introduções às Teologias Latino-Americanas* (Campinas, SP: Saber Criativo, 2019), p. 19.

⁵ Lucien Cerfaux, *Cristo na Teologia de Paulo* (Santo André, SP: Academia Cristã, 2015), p. 225.

⁶ “Compaixão”, *Aulete Digital*, disponível em <tinyurl.com/y5qq8oh8>, acesso em 22/10/2020.

⁷ Friedrich Nietzsche, *O Anticristo* (São Paulo, SP: Martin Claret, 2014), p. 33, 34, 60.

⁸ Ellen G. White, *Caminho a Cristo* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2007), p. 77.

⁹ Arzemiro Hoffmann, *A Cidade na Missão de Deus: O desafio que a cidade representa para a Bíblia e a missão de Deus* (Curitiba, PR: Encontro, 2007), p. 85.

¹⁰ White, *Caminho a Cristo*, p. 78.

¹¹ Gerald A. Klingbeil, “Mission and Contextualization: An Introduction”, em Gerald A. Klingbeil (ed.), *Misión y Contextualización: Llevar el mensaje bíblico a un mundo multicultural* (Entre Rios, Argentina: Editorial Universidad Adventista del Plata, 2005), v. 2, p. xvii.

¹² White, *Caminho a Cristo*, p. 78.

AGENILTON CORRÊA

coordenador de pós-graduação em Teologia da Faculdade Adventista da Bahia



RACISMO

Silvano Barbosa

Episódios recentes de violência contra pessoas negras têm motivado vários protestos ao redor do mundo. Diferentemente das manifestações que marcaram os Estados Unidos nos anos 1919, 1943 e 1968, agora as ocorrências tornaram-se internacionais, intercontinentais e inter-raciais. Como pastores adventistas, não podemos ser indiferentes ao tema. Além disso, é importante lembrar que relatos bíblicos como a marca de Caim (Gn 4:15) e a maldição de Cam (Gn 9:27) foram utilizados para construir um discurso religioso que justificou a escravatura e a segregação nos últimos quatro séculos e que ainda são acionados, em alguma medida, para legitimar o racismo.

Por isso, é importante pensar nessa questão a partir da Bíblia, procurando identificar qual atitude Deus espera de Seu povo ao lidar com esse assunto. Gostaria, portanto, de apresentar seis pontos importantes sobre esse tema.

1

Definição de raça

Raça é um sistema culturalmente construído de classificação da humanidade, uma forma de identificar e diferenciar as pessoas. No fim do século 18, a raça era determinada a partir do cálculo do ângulo facial. Duas linhas eram desenhadas no rosto: uma, indo da testa aos lábios e, outra, da orelha ao nariz. O ângulo da intercessão entre as duas linhas era considerado o ângulo facial. Aqueles que tinham um ângulo acima de 80 graus eram considerados

membros de uma raça superior. No século 19, o critério passou a ser a análise do crânio. A superioridade das raças era determinada com base no índice cefálico. A largura do crânio era dividida pelo comprimento e multiplicada por 100. Quanto maior, melhor. Atualmente, de maneira geral, a raça de uma pessoa é determinada com base na tonalidade da pele, no aspecto facial e na textura do cabelo. Contudo, vale lembrar que a história desse conceito está associada à noção de superioridade e inferioridade entre seres humanos.

2

Raça não é ciência

Cientistas da área biológica argumentam que todas as teorias de raça, das mais simples às mais complexas, têm como base uma seleção arbitrária de características da variação humana. Contudo, esse critério é subjetivo, não científico. Obviamente há diferenças entre um típico africano e um típico europeu, mas “dividir a humanidade com base nessa percepção seria o mesmo que construir um sistema de classificação com base em uma miragem biológica”.¹

O estudo do DNA apresenta um desafio decisivo a qualquer tentativa de legitimar a noção de raça. O geneticista Kenneth Kidd afirmou que “nenhuma população é geneticamente homogênea. Altos níveis de variações genéticas estão presentes mesmo em pequenas populações isoladas”, e concluiu: “não existem raças dramaticamente distintas entre seres humanos”.²

Por exemplo, o genoma de um branco europeu é 99,9% idêntico ao de um negro africano. Isso mostra que somos

membros da mesma família, descendentes de Adão e Eva. Ao mesmo tempo, “embora quaisquer dos dois genomas sejam 99,9% idênticos, isso ainda deixa milhões de diferenças entre os 3,2 bilhões de pares de bases de nucleotídeos que compõem o genoma”.³ Assim, o estudo do DNA mostra que Deus nos fez todos iguais e, ao mesmo tempo, únicos.

3

Raça pertence à esfera da cultura humana

Dessa maneira, as classificações raciais variam conforme tempo e lugar. No mundo greco-romano havia pouco senso de diferença racial com base na cor, ainda que houvesse a prática da escravatura e um forte etnocentrismo entre as sociedades bárbaras e as civilizadas. Em nossos dias, no Brasil, o filho de pai branco com mãe negra pode ser considerado branco; nos Estados Unidos, negro; e na África do Sul, “de cor”. Isso ilustra a relatividade que cerca o assunto.

4

A Bíblia não fundamenta o racismo

Nas Escrituras, as pessoas são julgadas pelo caráter que possuem, não pela cor da pele. São os intérpretes de hoje que olham para os eventos bíblicos à luz de seus preconceitos.

Por exemplo, como identificar a marca de Caim (Gn 4:15)? A explicação não se encontra nos escritos inspirados. Qualquer opinião a esse respeito não passa de especulação. Contudo, o texto indica



algumas informações importantes: (1) a marca tinha o propósito de protegê-lo. “Não há qualquer elemento racial envolvido [...]”. A marca de Caim foi um ato de graça para a preservação dele, ‘para que não o matasse, quem quer que o encontrasse’⁴; e (2) nenhuma análise bíblica – gramatical, exegética, histórica ou intertextual – sugere que a marca de Caim foi a pele escura. Não há nenhuma base escriturística para isso.

E quanto à maldição de Cam (Gn 9:24)? Não há qualquer indicação em Gênesis 9:25 de que uma raça inteira foi perpetuamente condenada à escravidão. Nenhum texto bíblico justifica a subordinação de pessoas nos dias atuais. Observe que a maldição é sobre Canaã, não sobre Cam. Aqueles que tentaram usar esse texto como parte do argumento a favor da escravatura, especialmente no século 19, falharam em perceber que apenas os cananitas foram amaldiçoados, não toda a descendência de Cam. Além disso, os descendentes de Canaã não foram viver na África, mas na Palestina. Estudos recentes confirmam que “mais de 90% dos libaneses atuais descendem dos cananeus”.⁵ Os descendentes de Canaã se tornaram um povo pagão e imoral. Assim, o juízo divino não ocorreu por conta da etnicidade, mas das práticas ímpias que caracterizavam a cultura cananita. Se Israel reproduzisse esses maus costumes também seria punido como, de fato, ocorreu ao longo de sua história.

5

A Bíblia valoriza a diversidade racial

As Escrituras apresentam um ideal elevado acerca de como devemos lidar com

a diversidade racial. O exemplo de Antioquia (At 13:1-4), onde a primeira comunidade cristã não judaica foi estabelecida, é instrutivo. Lucas destaca o grupo de líderes judeus e gentios que lideravam essa igreja: Barnabé, judeu da ilha de Chipre; Simão, o negro, provavelmente do norte da África; Lúcio, africano de Cirene; Manaém, palestino; e finalmente Saulo de Tarso, judeu com cidadania romana. A igreja de Antioquia mostra que o povo de Deus, hoje, deve acolher a diversidade racial e étnica.

6

Posição adventista sobre o racismo

“Com base no relato da criação no livro de Gênesis, acreditamos na igualdade imutável e dada por Deus para todas as pessoas em todos os tempos, lugares e circunstâncias. Todos nós descendemos de Adão e Eva, nossos ancestrais originais, que fazem de toda a humanidade uma só família (Gn 3:20). [...] As distinções de raça, etnia, casta e tribo são usadas para segmentar e dividir pecaminosamente a unidade fundamental que Deus desejou que os seres humanos experimentassem com Ele e uns com os outros.”

“Os adventistas do sétimo dia são membros de uma igreja global e diversa e estão comprometidos em ser agentes de paz e reconciliação na sociedade, mostrando e defendendo a verdade bíblica sobre nossa ancestralidade compartilhada. [...] Apoiaremos e cuidaremos dos marginalizados e maltratados por causa de sua cor, casta, tribo ou etnia (Mt 25:40). Acreditamos que aqueles que abusam dos outros devem, de acordo com os princípios

bíblicos, ser devidamente levados à justiça e, por fim, enfrentarão o julgamento divino (Ec 12:14; Hb 9:27). Vamos ensinar e exortar que a verdade de Deus sobre as origens humanas e a igualdade, conforme ensinadas na Bíblia, são a base mais sensata de todas as relações humanas.”⁶

João viu no Céu uma multidão inumerável de salvos diante do Cordeiro (Ap 7:9). Como essas pessoas chegaram lá? Foram compradas pelo sangue de Cristo, em quem “não pode haver judeu nem grego; nem escravo nem liberto; nem homem nem mulher”, pois todos agora são um Nele (Gl 3:28). Devemos anunciar essa boa-nova!

Referências

- ¹ Colin Kidd, *The Forging of Races: Race and Scriptures in the Protestant Atlantic World, 1600-2000* (Cambridge: Cambridge University Press, 2006), p. 3.
- ² Kenneth Kidd, “Races, genes and human origins: How genetically diverse are we?”, em A. W. Galston e E. J. Shurr (eds.), *New Dimensions in Bioethics* (Boston, MA: Springer, 2001), p. 14, 19.
- ³ Elida P. Benquique Ojopi et al., “O genoma humano e as perspectivas para o estudo da esquizofrenia”, *Revista de Psiquiatria Clínica* 31, n. 1 (2004): 9-18.
- ⁴ Richard Davidson, “The Divine covenant lawsuit motif in canonical perspective”, em *Journal of the Adventist Theological Society* 21, n. 1-2 (2010): 45-84.
- ⁵ Marc Haber, “Continuity and admixture in the last five millennia of levantine history from ancient canaanite and present-day lebanese genome sequences”, *American Journal of Human Genetics* 101, n. 2 (agosto 2017): 274-282. Disponível em <doi.org/10.1016/j.ajhg.2017.06.013>, acesso em 22/11/2020.
- ⁶ “Líderes da Igreja Adventista votam declaração ‘Uma Humanidade’”. Disponível em <bit.ly/3f0vfe9>, acesso em 26/11/2020.

SILVANO BARBOSA

professor de Teologia
no Unasp, EC.



ENCO COM O S

INTRO SENHOR

Em busca de uma teologia
da face de Deus

Jiří Moskala

No centro do Salmo 27, Davi responde ao apelo de Deus: “Busque a minha face” (v. 8, NVI) prometendo: “A tua face, Senhor, buscarei” (v. 8, NVI). A firme decisão do salmista coloca a noção da face de Deus no centro da estrutura quiástica desse salmo.¹ Ele explica por que deseja olhar para a face de Deus: “para contemplar a beleza do Senhor” (v. 4) e ver “a bondade do Senhor” (v. 13).

Os antigos filósofos diziam que beleza, verdade e bondade constituem a tríade fundamental da vida humana. São qualidades básicas de nossa existência. Davi não conseguia imaginar a vida sem Deus, por isso Lhe pediu: “Não me escondas, Senhor, a Tua face” (v. 9). O ápice de sua oração está conectado à sua confiança pessoal em Deus: “O Senhor é a minha luz e a minha salvação; de quem terei medo? O Senhor é a fortaleza da minha vida; a quem temerei?” (v. 1).

As palavras de Davi nos levam a uma pergunta fundamental: O que há de tão

A narrativa bíblica da criação do homem contém imagens implícitas da face de Deus, o que sugere que a primeira coisa que Adão viu quando abriu os olhos foi o rosto divino (Gn 2:7). Ele estava na presença de Deus – em um relacionamento próximo com uma Pessoa divina. A existência de Adão começou ao ver a face de Deus. O calor dessa imagem alude à relação de puro amor entre eles.

Para nós, também, ver a face divina deve ser parte integrante de nossa caminhada com o Senhor, porque os seres humanos foram criados para viver em relacionamento

New Living Translation diz: “Faze com que Teu rosto sorria para nós, Senhor.” Precisamos do sorriso de Deus, porque o sorriso Dele para nós nos permite sorrir uns para os outros.

Davi não poderia imaginar a vida sem esse favor: “Até quando esconderás de mim o Teu rosto?” (Sl 13:1). No Salmo 11, ele conclui seu pensamento com esta afirmação: “os retos Lhe contemplarão a face” (v. 7). O Senhor disse a Salomão: “Se o Meu povo, [...] se humilhar e orar, buscar a Minha face e se afastar dos seus maus caminhos, dos céus o ouvirei, perdorei o seu pecado e curarei a sua terra” (2Cr 7:14, NVI).

Buscar a face de Deus significa desejar Seu favor e Sua intervenção graciosa: “Agora havia fome [...]. Davi buscou a face do Senhor” (2Sm 21:1, ESV). Nessa busca, arrependimento, petições, jejuns e louvores estão incluídos (Jl 2:12-15; Fp 4:6) porque buscar a face divina deve andar de mãos dadas com a total dedicação a Ele. Comparecer diante da face de Deus aponta para visita ao santuário (Dt 31:11; Is 1:12), mas “ninguém deve se apresentar diante de Mim [lit. ver meu rosto] de mãos vazias” (Êx 23:15; 34:20). Assim, a face divina aparece no contexto de expectativas e esperanças de que o Senhor estará com Seu povo, mudará sua situação e o abençoará.

Jacó, Esaú e a face de Deus

A história de Jacó lutando com um estranho e depois se encontrando com seu irmão Esaú é muito esclarecedora, porque toda a narrativa de Gênesis 32 e 33 é composta em torno da palavra “face”. O texto hebraico afirma literalmente que Jacó estava fugindo da face de Esaú (Gn 35:1); assim, “face” aqui significa uma pessoa.

A imagem de Esaú perseguiu Jacó por 20 anos; durante esse tempo, ele nunca visitou sua terra natal, seus pais ou se reconciliou com seu irmão. Portanto, antes que Jacó pudesse se encontrar com Esaú, ele precisava se encontrar com seu Deus. Antes de ver o rosto de seu irmão novamente, ele tinha que ver a face do Senhor.

Ver a face divina deve ser parte integrante de nossa caminhada com o Senhor, porque os seres humanos foram criados para viver em relacionamento de dependência e intimidade com Ele.

significativo em buscar ou ver a face de Deus? A resposta curta é que o salmista quer ver a beleza do caráter de Deus – a verdade sobre Ele e Sua bondade.

A face de Deus

O termo hebraico *panim* (sempre plural) tem dois significados principais no contexto de nosso estudo: (1) “face” e (2) “presença”.² Isso explica por que os tradutores interpretam o mesmo texto bíblico de maneira diferente. Alguns indicam a presença de Deus, e outros traduzem mais literalmente como a face Dele. A palavra *panim* tem vários significados, como “antes”, “na frente de”, “superfície” e “pessoa”,³ e ocorre 2.140 vezes na Bíblia Hebraica.⁴ O termo grego equivalente é *prosopon*, usado 76 vezes no Novo Testamento; também com os mesmos dois significados básicos.⁵

de dependência e intimidade com Ele (Gn 1:26–2:3). Contudo, o pecado rompeu esse relacionamento e, em vez disso, o medo, a culpa e a vergonha passaram a fazer parte de nossa vida. Depois de comer o fruto proibido, Adão e Eva se esconderam e fugiram da presença de Deus (Gn 3:7-10).

Na bênção sacerdotal arcaica, o rosto de Deus é mencionado duas vezes. Era o elemento mais desejável: “O Senhor os abençoe e os guarde; o Senhor faça resplandecer o Seu rosto sobre vocês e tenha misericórdia de vocês; o Senhor sobre vocês levante o Seu rosto e lhes dê a paz” (Nm 6:24-26). O brilho da face de Deus voltado a Seu povo expressa alegria e mostra aceitação, favor, respeito e perdão.

Muitos salmos atestam a mesma verdade fundamental: “Senhor, levanta sobre nós a luz do Teu rosto” (Sl 4:6). Em inglês, a



A palavra face ocorre nesses dois capítulos em lugares cruciais, confirmando seu significado. Esse termo é utilizado quatro vezes em apenas um verso, embora as traduções em português geralmente não captem esse jogo de palavras. Uma tradução literal destaca os pensamentos de Jacó: “Eu cobrirei sua face com esses presentes que vão antes de minha face e, depois, quando eu ver seu rosto, talvez ele levante meu rosto” (Gn 32:20).

Jacó queria apaziguar, pacificar ou acalmar a raiva de Esaú, literalmente, cobrindo o rosto de seu irmão com presentes extravagantes para que ele não visse e se lembrasse do mal que Jacó lhe havia feito. Os muitos presentes foram sua tentativa de mudar a atitude de Esaú em relação a ele. A frase idiomática “levantar a face” significa “aceitar favoravelmente”, “ser gentil”, “perdoar”, “ser amigável” ou “receber outra pessoa”.

Jacó então lutou com “um homem” (Gn 32:24) em quem ele reconheceu uma Pessoa divina (de uma perspectiva cristã, essa Pessoa é identificada com o Cristo pré-encarnado).⁶ É por isso que ele chamou o lugar de Peniel, que em hebraico significa a “face de Deus”, e raciocinou: “Vi Deus face a face, e a minha vida foi salva” (v. 30). O que Jacó viu na face de Deus? O Senhor lhe deu um novo nome e o abençoou (v. 26-29).

Mais tarde naquela manhã, quando Esaú estava se aproximando dele, Jacó foi ao seu encontro curvando-se diante de seu irmão sete vezes (Gn 33:3). Porque Jacó primeiro se humilhou diante do Senhor, ele agora era capaz de se humilhar diante de seu irmão. E Esaú graciosamente o aceitou. Naquele momento de reconciliação (v. 4), Jacó explodiu em um reconhecimento especial. De acordo com Gênesis 33:10, ele confessou que viu a face de Deus em Esaú: “Se te agradaste de mim, aceita este presente de minha parte, porque ver a tua face é como contemplar a face de Deus; além disso, tu me recebeste tão bem!” (NVI). O que Jacó estava vendo no rosto de seu irmão? As mesmas expressões de amor, compaixão, perdão e graça que ele viu na

face do Senhor. O sorriso de Deus em Jacó se reflete na aceitação de Esaú. O que as pessoas leem em nossa face quando interação conosco?

O que encontrar na face de Deus?

1. A face de Deus nos dá a garantia de Sua presença (Gn 28:15; Mt 28:20; At 18:10).

2. A face de Deus provê estabilidade e equilíbrio emocional em um mundo de solidão, ansiedade e medo. Alguém me ama, cuida de mim e me protege (Jo 14:27; Fp 4:7).⁷

3. A face de Deus conduz e guia (Êx 33:15).

4. A face de Deus dá força intelectual, porque podemos confiar no infinito conselho e sabedoria divinos (Sl 73:23, 24; Pv 3:5-7).

5. A presença de Deus traz prosperidade e sucesso para cumprir Sua vontade, missão e Seu propósito. Ele capacita Seu povo a ser testemunhas fiéis (At 1:8; cf. Fp 2:13).

6. Ver a face de Deus pelos olhos da fé é a chave para uma vida vitoriosa (Sl 16:8).

7. A face de Deus oferece resistência e perseverança (Hb 11:27; Ap 14:12).

8. A face de Deus nos dá um senso de identidade (Is 6:1-8; 43:1; Gl 3:26-29; 4:5; 1Jo 3:1).

9. A face de Deus significa que Ele zela por nós, fala conosco e ouve nossas orações (Sl 32:8; 33:18).

10. Ver a face de Deus transforma vidas (2Co 3:18; Rm 12:1, 2).

Jesus afirmou: “Bem-aventurados os limpos de coração, porque verão a Deus” (Mt 5:8). Os redimidos, como habitantes da Nova Jerusalém, terão satisfação em ver a face divina. Os verdadeiros crentes verão constantemente Seu semblante, e esse encontro face a face será sua experiência mais elevada e definitiva. João descreve isso com exultação: “Nunca mais haverá qualquer maldição. Nela estará o trono de Deus e do Cordeiro. Os Seus servos o adorarão, contemplarão a Sua face, e na sua testa terão gravado o nome Dele” (Ap 22:3, 4).

A promessa de ver a face de Deus é a cena mais fascinante a respeito da

proximidade dos redimidos com o Senhor. Eles viverão para sempre e se alegrarão em Sua presença. Ele estará permanentemente com eles, portanto, nunca mais precisarão buscar Sua face. Os salvos contemplarão o esplendor e a majestade do Senhor, Sua plena glória. E quanto mais conhecerem seu Rei e Salvador, mais ficarão empolgados para servir, obedecer e adorar a Ele. Cada dia, durante toda a eternidade, trará descobertas novas da bondade, do brilho e da grandeza de Deus e de Seu caráter de amor. **M**

Referências

¹ O Salmo 27 foi escrito em forma de estrutura quiástica:

(A) v. 1-3

(B) v. 4

(C) v. 5, 6

(D) v. 7

(E) v. 8

(D') v. 9, 10

(C') v. 11, 12

(B') v. 13

(A') v. 14

² Ver F. Brown, S. R. Driver e C. A. Briggs (eds.), *A Hebrew and English Lexicon of the Old Testament* (Nova York, NY: Houghton Mifflin, 1907), p. 815, 816; William L. Holladay (ed.), *A Concise Hebrew and Aramaic Lexicon of the Old Testament* (Grand Rapids, MI: Eerdmans, 1988), p. 293, 294.

³ Ver Brown, Driver e Briggs, *A Hebrew and English Lexicon*, p. 815, 819.

⁴ Abraham Even-Shoshan (ed.), *A New Concordance of the Old Testament: Using the hebrew and aramaic text* (Jerusalém: Kiryat-Sefer, 1990), p. 949-952.

⁵ John R. Kohlenberger III, Edward W. Goodrick e James A. Swanson, *The Exhaustive Concordance to the Greek New Testament* (Grand Rapids, MI: Zondervan, 1995), p. 861, 862.

⁶ Jacques B. Doukhan, “Genesis”, *Seventh-day Adventist International Bible Commentary* (Nampa, ID: Pacific Press, 2016), p. 368, 372.

⁷ A vida sem Deus é solitária. Esse aspecto foi destacado por Roger Scruton, *The Face of God* (Londres: Continuum, 2012), p. 153-178.

JÍŘÍ MOSKALA

diretor do Seminário Teológico da Universidade Andrews, Estados Unidos



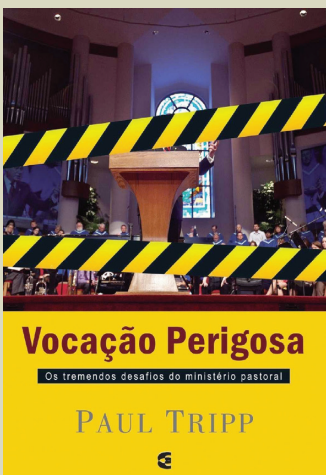


Ele Falou e Tudo se Fez: A criação divina no Antigo Testamento

Gerald A. Klingbeil (org.), Casa Publicadora Brasileira, 2020, 272 p.

A Bíblia começa com uma declaração que forma a base de nossa fé: “No princípio, criou Deus os céus e a Terra” (Gn 1:1). Esse é o fundamento de toda a teologia bíblica, porque nos revela que a vida passou a existir por meio da Palavra do Criador. “Pois Ele falou, e tudo se fez; Ele ordenou, e tudo passou a existir” (Sl 33:9). É aqui que encontramos o Deus cujo poder se equipara unicamente com Seu amor pela criação.

Este livro é resultado de uma interação entre estudiosos da Bíblia, cientistas e educadores. Dialogando uns com os outros, eles relacionaram a ciência contemporânea e os estudos das Escrituras sobre o tema da criação. A obra apresenta uma exposição sólida do Antigo Testamento com o objetivo de demonstrar a especialistas e ao público em geral o significado da criação bíblica, sua terminologia e teologia.



Vocação Perigosa: Os tremendos desafios do ministério pastoral

Paul Tripp, Editora Cultura Cristã, 2014, 259 p.

Na cultura ministerial existem diferentes tipos de livro. Alguns têm caráter explicativo; outros, conteúdos encorajadores; ainda existem os livros instrutivos; e também obras de cunho exegético. *Vocação Perigosa* segue uma linha diferente: trata-se de um livro-diagnóstico.

Depois de viajar o mundo e falar em milhares de igrejas, Paul Tripp decidiu escrever um livro que ajuda o pastor a olhar para si mesmo, a partir do reflexo do espelho das Escrituras Sagradas, a fim de ver pensamentos e posturas que podem ameaçar sua integridade ministerial.

Em *Vocação Perigosa*, o autor revela que a cultura em torno dos pastores pode ser espiritualmente insalubre, um ambiente que mina ativamente o bem-estar e a eficácia dos líderes da igreja. Contudo, mais do que apontar problemas, Paul Tripp sugere caminhos para questões que afetam cada ministro e apresenta estratégias sólidas para combater a guerra tão importante que atualmente se agrava em nossas igrejas.



Terra Plana, Galileu na Prisão e Outros Mitos Sobre Ciência e Religião

R. Numbers (org.), Thomas Nelson, 2020, 336 p.

Será que a igreja medieval defendia que a Terra era plana? Será que Galileu foi torturado pela Inquisição? A teoria da evolução acabou com o projeto da teologia natural? Einstein acreditava mesmo em Deus? A ideia de que ciência e religião vivem em uma guerra contínua e interminável ainda persiste tanto nas mídias populares quanto nos corredores acadêmicos. Mas, como cada capítulo deste livro nos mostra, é imperativo que aprendamos a deixar os mitos para trás e olhar a história como ela mesma se apresenta.

São 25 capítulos, cada um escrito por um importante acadêmico, que explora com coerência um episódio marcante na interação entre ciência e religião, desfazendo os contornos míticos que tais histórias adquiriram ao longo do tempo. Já é hora de, com adequado rigor acadêmico e clareza, mostrar que a complexa história da relação entre essas duas grandes forças foi, e ainda pode ser, rica, envolvente e com benefícios para ambas.

“A visão feminista da Bíblia: Uma análise sob a perspectiva adventista”

Isaac Malheiros e Vanessa Meira – *Revista Kerygma*, v. 15, nº 1, 2020, p. 24-39
(<https://revistas.unasp.edu.br/kerygma/article/view/1252/1178>)

O objetivo do artigo é fazer uma avaliação da visão feminista da Bíblia sob a perspectiva adventista. A pesquisa avalia alguns textos representativos da teologia feminista, desde a primeira onda até a contemporaneidade, bem como declarações de ativistas e teólogas feministas a respeito da Bíblia. É possível concluir que há uma tensão significativa entre a visão feminista e a perspectiva adventista a respeito das Escrituras.

Essas proposições feministas têm gerado consequências teológicas. O movimento já começou fazendo afirmações teológicas sobre Deus, a Bíblia, a igreja e outros temas. Como esclareceu Naomi Goldenberg, as críticas feministas contemporâneas da religião podem ser divididas e classificadas em dois grupos: “as que revisam e as que se revoltam”. Algumas pesquisadoras feministas defendem o completo abandono do judaísmo e do cristianismo, enquanto outras tentam salvar essas religiões de sua tradição sexista por intermédio de uma reforma revisionista.



“La figura de Melquisedec en Qumrán”

Leandro Velardo – *Revista DavarLogos*, v. XVI, nº 2, 2017, p. 1-19
(<http://publicaciones.uap.edu.ar/index.php/davarlogos/issue/view/115>)

A misteriosa figura de Melquisedeque, portadora de um passado distante e primitivo, tem estimulado a pena de autores judeus e cristãos ao longo da história. Se bem que na Bíblia Hebraica Melquisedeque é mencionado apenas em duas ocasiões, no quadro do corpo documental do Novo Testamento, a carta aos Hebreus é o receptáculo literário de uma elaborada construção cristológica que acolhe como protagonista tipológico essa figura enigmática.

O objetivo deste artigo é averiguar e interpretar a figura de Melquisedeque no contexto da literatura qumrânica, considerando tais referências como uma contribuição hermenêutica a respeito da teologia do autor de Hebreus. As identidades emblemáticas, naturalmente, exigem do intérprete um retorno às “fontes”. Assim, neste estudo, o doutor Velardo se detém no documento 11Q13 de Qumran e suas múltiplas leituras, para depois apresentar uma exegese de Hebreus 7 sobre o tema.

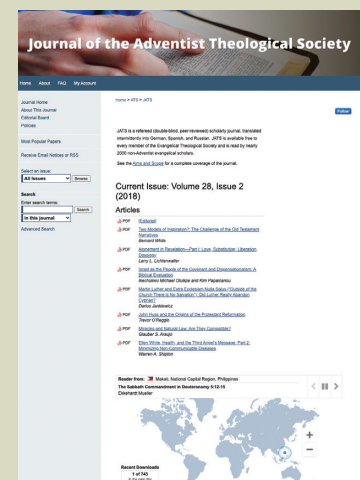


“Toward the Fulfillment of the Gog and Magog Prophecy of Ezekiel 38-39”

Jiří Moskala – *Journal of the Adventist Theological Society* – JATS, 18 / 2, 2007, p. 243-273
(<https://digitalcommons.andrews.edu/cgi/viewcontent.cgi?article=1165&context=jats>)

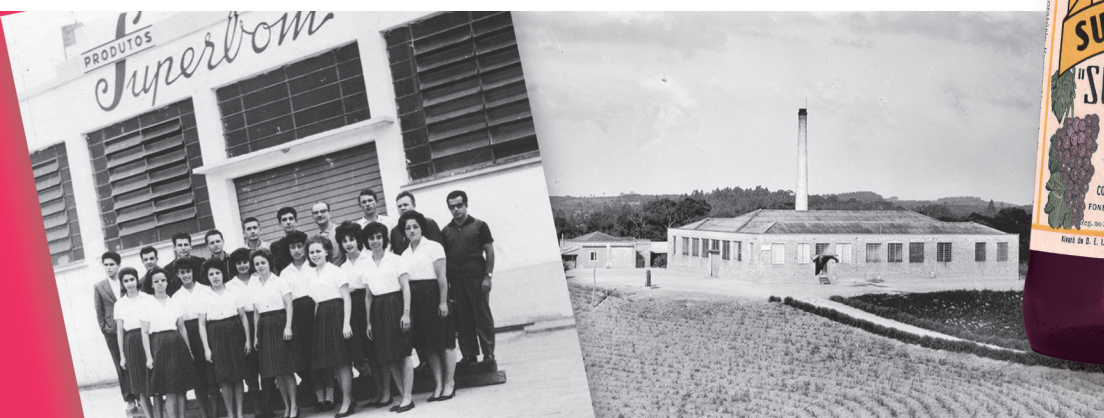
Após a queda trágica de Jerusalém em 587/586 a.C., Ezequiel registrou em seu livro uma única profecia a respeito de Gogue, da terra de Magogue (Ez 38-39). Essa profecia tem gerado um número espantoso de interpretações diferentes. Sua predição enigmática é certamente um dos textos mais desafiadores das Escrituras.

Neste artigo, Moskala não discute em profundidade as diferentes proposições populares nem acadêmicas sobre a identidade de Gogue e Magogue, ou suas opiniões sobre o cumprimento/aplicação desta profecia, mas explora principalmente uma interpretação histórico-escatológica. Especialmente, seu cumprimento cristológico-eclesiológico-apocalíptico.



Nosso ministério é levar esperança em forma de saúde.

Há mais de 90 anos nosso objetivo é oferecer possibilidades para que as pessoas tenham uma alimentação mais equilibrada e nutritiva. Para continuar cumprindo aquilo que definimos como missão, estamos constantemente buscando formas de tornar nossos produtos mais conhecidos e acessíveis.



Compartilhando essas novidades com você, líder e formador de opinião, estamos seguros de que iremos mais longe e ao mesmo tempo encurtaremos a distância entre a Superbom e as pessoas que sonham com mais qualidade de vida.

Conheça as novas formas de adquirir os produtos Superbom.

Acesse: WWW.comprarsuperbom.com.br



Entrega em todo o Brasil



Frete grátis*



Parcele sua compra

Superbom

95 anos



Magalu

Consulte condições impostas pelo Mercado Livre e pelo Magazine Luiza. A Superbom não se responsabiliza pela política de frete do Mercado Livre.

Consulte condições no site: www.mercadolivre.com.br

SEGUNDO O CORAÇÃO

Ao longo da história, uma das principais necessidades do povo de Deus foi ser guiado por líderes segundo Seu coração (Jr 3:15). Mas o que significa ser um líder “segundo o coração de Deus”? Em seus escritos, Ellen White apresentou uma série de características que nos ajudam a responder essa questão. A partir de textos da autora, gostaria de compartilhar uma estrutura conceitual geral para a liderança cristã que certamente será benéfica para nossa reflexão.

Humildade e derramamento do Espírito. “Deus agiria poderosamente em favor do Seu povo hoje, se estivessem inteiramente submissos à Sua guia. Precisam eles da presença constante do Espírito Santo. Caso houvesse mais orações nos concílios dos que arcam com as responsabilidades, mais humilhação do coração a Deus, veríamos demonstrações evidentes da liderança divina, e nossa obra efetuaria rápidos progressos” (*Testemunhos Para a Igreja*, v. 8, p. 238).

Estudo das Escrituras. “Os pastores que quiserem trabalhar com eficácia pela salvação de pessoas devem ser tanto estudantes da Bíblia como homens de oração. É pecado da parte dos que tentam ensinar a Palavra a outros negligenciarem eles próprios o seu estudo. [...] Uma pessoa que não possui o conhecimento da Palavra da vida não tem o direito de procurar instruir outros no caminho do Céu” (*Obreiros Evangélicos*, p. 249).


Vida de oração. “Os pastores que forem verdadeiros representantes de Cristo serão homens de oração. Com um fervor e fé a que se não pode negar, hão de lutar com Deus para que os fortaleça e fortifique para o serviço, e lhes santifique os lábios com um toque da brasa viva, a fim de que saibam falar Suas palavras ao povo” (*ibid.*, p. 256, 257).

Serviço abnegado. “Em Sua vida e ensinamentos, Cristo deu um perfeito exemplo do abnegado ministério que tem sua origem em Deus. [...] Toda a Sua vida

Os pastores que quiserem trabalhar com eficácia pela salvação de pessoas devem ser tanto estudantes da Bíblia como homens de oração

esteve sob a lei do serviço. Serviu a todos e a todos ajudou. Assim viveu a lei de Deus e, por Seu exemplo, mostrou como podemos obedecer-Lhe. [...] Aqueles que tiveram comunhão com Cristo no cenáculo sairão para servir como Ele serviu” (*O Desejado de Todas as Nações*, p. 649, 651).

Liderança compartilhada. “Às vezes um homem que foi colocado em posição de responsabilidade, como líder, concebe a ideia de que está numa posição de suprema autoridade, e que todos os seus irmãos, antes de fazerem qualquer movimento de avanço, devem primeiro dirigir-se a ele pedindo permissão para fazer aquilo que eles sentem que precisa ser feito. Esse homem está numa posição perigosa. Perdeu de vista a obra do verdadeiro Líder do povo de Deus. [...] Una-se com seus irmãos se quiser que eles se unam a você e lhe manifestem sua confiança. Confiança e fé geram confiança e fé. [...] Revele seus planos a eles. Um deles se sentirá livre para falar, e depois outro, e talvez chamem sua atenção para algumas coisas nas quais você não havia pensado antes” (*Ministério Pastoral*, p. 53, 54).

Amor pelos perdidos. “Se os embaixadores de Cristo reconhecerem a solenidade de apresentar a verdade ao povo serão homens sóbrios e sensatos, colaboradores de Deus. Se tiverem o verdadeiro senso da comissão que Cristo deu a Seus discípulos, com reverência abrirão a Palavra de Deus e atenderão à instrução do Senhor pedindo sabedoria do Céu para que, ao estarem entre os vivos e os mortos, possam reconhecer que devem prestar contas a Deus pelo trabalho que está em suas mãos” (*Testemunhos Para Ministros e Obreiros Evangélicos*, p. 142). 



WALTER STEGER
editor associado da
Ministério, edição em
espanhol



CPB

livraria



LOJA DA FÁBRICA - TATUI, SP

CONHEÇA AS LIVRARIAS DA CPB ESPALHADAS POR TODO O BRASIL

AMAZONAS
MANAUS
SÃO GERALDO
Av. Constantino Nery, 1212
(92) 3304-8288 / (92) 98113-0576

BAHIA
CACHOEIRA
FADBA
Rod. BR 101, km 197
(75) 3425-8300 / (75) 99239-8765

BAHIA
SALVADOR
NAZARÉ
Av. Joana Angélica, 1039
(71) 3322-0543 / (71) 99407-0017

CEARÁ
FORTALEZA
CENTRO
R. Barão do Rio Branco, 1564
(85) 3252-5779 / (85) 99911-0304

DISTRITO FEDERAL
BRASÍLIA
ASA NORTE
SCN | Qd. 1 | Bl. A | Lj. 9, 17 e 23
Ed. Number One
(61) 3321-2021 / (61) 98235-0008

GOIÁS
GOIÂNIA
SETOR CENTRAL
Av. Goiás, 766
(62) 3229-3830

MATO GROSSO DO SUL
CAMPO GRANDE
CENTRO
R. Quinze de Novembro, 589
(67) 3321-9463

MINAS GERAIS
BELO HORIZONTE
CENTRO
Rua dos Guajajaras, 860
(31) 3309-0044 / (31) 99127-1392

PARÁ
BELÉM
MARCO
Tv. Barão do Triunfo, 3588
(91) 3353-6130

PARANÁ
CURITIBA
CENTRO
R. Visc. do Rio Branco, 1335 | Lj. 1
(41) 3323-9023 / (41) 99706-0009

PERNAMBUCO
RECIFE
SANTO AMARO
R. Gervásio Pires, 631
(81) 3031-9941 / (81) 99623-0043

RIO DE JANEIRO
RIO DE JANEIRO
TIJUCA
R. Conde de Bonfim, 80 | Lj. A
(21) 3872-7375

RIO GRANDE DO SUL
PORTO ALEGRE
CENTRO
R. Coronel Vicente, 561
(51) 3026-3538

SÃO PAULO
ENGENHEIRO COELHO
UNASP/EC
Rod. SP 332, km 160
Faz. Lagoa Bonita
(19) 3858-1398 / (19) 98165-0008

SÃO PAULO
HORTOLÂNDIA
PARQUE ORTOLÂNDIA
R. Pastor Hugo Gegembauer, 656
(19) 3503-1070

SÃO PAULO
SANTO ANDRÉ
CENTRO
Tv. Lourenço Rondinelli, 111
(11) 4438-1818

SÃO PAULO
SÃO PAULO
MOEMA
Av. Juriti, 563
(11) 5051-1544

SÃO PAULO
SÃO PAULO
PRAÇA DA SÉ
Praça da Sé, 28 | 5º Andar
(11) 3106-2659 / (11) 95975-0223

SÃO PAULO
SÃO PAULO
VILA MATILDE
R. Gil de Oliveira, 153
(11) 2289-2021

SÃO PAULO
TATUI
LOJA DA FÁBRICA
Rod. SP 127, km 106
(15) 3205-8905

ENCONTRE TAMBÉM PRODUTOS:




LIVROS | BÍBLIAS | LIÇÕES | REVISTAS | GUIAS DE ESTUDO
FOLHETOS | HINÁRIOS | CDs | DVDs | BRINQUEDOS | JOGOS